Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Ana Daniela Fernandes Mendes

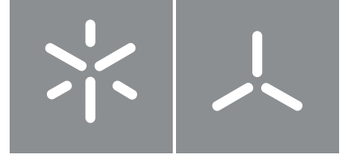
Vidas Comuns.
Reativação do Vale do Ouro e da Fábrica do Gás

junho de 2026

Vidas Comuns. Reativação do Vale do Ouro e da Fábrica do Gás

Ana Daniela Fernandes Mendes

UMinho | 2026



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Ana Daniela Fernandes Mendes

Vidas Comuns.
Reativação do Vale do Ouro e da Fábrica do Gás

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Alexandra Santos da Silva Carlos

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial
CC BY-NC

https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

Agradecimentos:

À professora Rute, pela orientação, disponibilidade e simpática rigidez ao longo deste trabalho.

Ao comité - Borges, Canossa, Coutinho, Guida, Juliana, Laura e Rui - pela companhia e partilha destes longos 5 anos.

À minha família, pelo apoio e confiança depositados em mim.

Aos meus companheiros de quatro patas, por terem estado ao meu lado durante as noites de trabalho.

À minha irmã, Ângela, o meu mais profundo agradecimento, pela paciência, motivação e presença constante ao longo deste percurso.

A todos os que contribuíram para a concretização desta etapa, deixo o meu sincero agradecimento.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Vidas Comuns.
Reativação do Vale do Ouro e da Fábrica do Gás

RESUMO

O presente trabalho desenvolve-se a partir de uma reflexão em torno do conceito de decrescimento e da sua aplicação à arquitetura e ao território, questionando modelos urbanos baseados na expansão contínua, na substituição do existente e na excessiva especialização funcional. Neste contexto, o trabalho toma como caso de estudo o Vale do Ouro, em Lordelo do Ouro, no Porto, território atualmente marcado pelo abandono da antiga Fábrica do Gás, pela demolição das Torres do Aleixo e pela consequente fragmentação espacial e social.

A investigação procura compreender de que forma este vazio urbano poderá voltar a assumir um papel estruturante na freguesia, não através de uma lógica de ocupação intensiva, mas através da reconstrução de relações entre cidade, paisagem, memória e comunidade. O projeto propõe, assim, a reativação do vale através da criação de um parque público contínuo, entendido como infraestrutura ecológica, social e urbana, capaz de restabelecer a ligação entre a cidade consolidada e a frente ribeirinha do Douro.

A proposta parte da leitura das condições existentes do território, valorizando-as como elementos ativos de projeto. A reorganização dos percursos, a criação de novos acessos, a recuperação parcial da linha de água e a reutilização de materiais existentes procuram devolver permeabilidade, continuidade ecológica e novas possibilidades de uso coletivo ao Vale do Ouro.

Paralelamente, a antiga Fábrica do Gás é reinterpretada como suporte para habitação coletiva, entendida não apenas como resposta à pressão habitacional existente em Lordelo do Ouro, mas sobretudo como instrumento de reativação territorial. A proposta procura trabalhar a partir das estruturas remanescentes da fábrica, preservando a sua lógica espacial, construtiva e material, e integrando um modelo habitacional coletivo.

O projeto procura, deste modo, afirmar uma estratégia baseada na reutilização, na adaptação e na valorização do existente, defendendo formas mais coletivas de habitar e de ocupar o espaço.

Palavras - chave: Coletivo, Continuidade urbana, Memória, Paisagem, Reutilização

Collective Lives.
Reactivation of Vale do Ouro and the Gas Factory

ABSTRACT

The present work develops from a reflection on the concept of degrowth and its application to architecture and territory, questioning urban models based on continuous expansion, the replacement of existing structures, and excessive functional specialization. Within this context, the project takes Vale do Ouro, in Lordelo do Ouro, Porto, as its case study, a territory currently marked by the abandonment of the former Gas Factory, the demolition of the Torres do Aleixo housing complex, and the resulting spatial and social fragmentation.

The research seeks to understand how this urban void may once again assume a structuring role within the parish, not through a logic of intensive occupation, but through the reconstruction of relationships between city, landscape, memory, and community. The project therefore proposes the reactivation of the valley through the creation of a continuous public park, understood as an ecological, social, and urban infrastructure capable of re-establishing the connection between the consolidated city and the Douro riverfront.

The proposal is developed from the reading of the existing conditions of the territory, valuing them as active elements of the project. The reorganization of pathways, the creation of new accesses, the partial recovery of the watercourse, and the reuse of existing materials seek to restore permeability, ecological continuity, and new possibilities for collective use within Vale do Ouro.

At the same time, the former Gas Factory is reinterpreted as a support structure for collective housing, understood not only as a response to the existing housing pressure in Lordelo do Ouro, but above all as an instrument for territorial reactivation. The proposal works from the remaining structures of the factory, preserving its spatial, constructive, and material logic while integrating a collective housing model.

In this way, the project seeks to establish a strategy based on reuse, adaptation, and the valorization of what already exists, advocating more collective ways of inhabiting and occupying space.

Key words: Collective, Urban continuity, Memory, Landscape, Reuse

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I O VALE DO OURO 3

O VALE DE LORDELO DO OURO 6
A RELAÇÃO ENTRE A FREGUESIA E O VALE 10
ABANDONO DA FÁBRICA DO GÁS E DEMOLIÇÃO DAS TORRES DO ALEIXO 20
A OPORTUNIDADE DO VALE DO OURO 24

CAPÍTULO II VIDAS COMUNS 29

O VALE COMO ESTRUTURA DE CONTINUIDADE 32
REATIVAÇÃO DO VALE EM PARQUE PÚBLICO 34
ENTRE A MEMÓRIA INDUSTRIAL E O PRESENTE - A HISTÓRIA DA FÁBRICA 38
HABITAR NO VALE ATRAVÉS DA ANTIGA FÁBRICA DO GÁS 44
MODELO DE HABITAÇÃO 48
CONTINUIDADE ENTRE HABITAR, PAISAGEM E COMUNIDADE 52

CAPÍTULO III REESTRUTURAÇÃO DO VALE 55

PARQUE DO OURO - ESTRURA ECOLÓGICA E PERCURSOS 56
PROGRAMA E VIVÊNCIA 70
ORGANIZAÇÃO DA FÁBRICA 72
MATERIALIDADE E HABITAÇÃO 82

NOTA CONCLUSIVA 88

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 90

CRÉDITO DE FIGURAS 92

ANEXOS 95

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DO VALE EM 2025 4

FIGURA 2 – ENQUADRAMENTO DO VALE 7

FIGURA 3 – FOTOMONTAGEM DA FRENTE DA FÁBRICA 8

FIGURA 4 – FOTOMONTAGEM DO VALE DO OURO, MARÇO 8

FIGURA 5 – FOTOMONTAGEM DO VALE DO OURO, ABRIL 9

FIGURA 6 – FOTOMONTAGEM DA ENVOLVENTE POENTE 9

FIGURA 7 – ENQUADRAMENTO DA FREGUESIA NO PORTO 11

FIGURA 8 – CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA 11

FIGURA 9 – CARACTERIZAÇÃO DA HABITAÇÃO 12

FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS 12

FIGURA 11 – ESPAÇOS PÚBLICOS, CAMINHOS E LINHAS DE ÁGUA 13

FIGURA 12 – FRENTE RIBEIRINHA 14

FIGURA 13 – NÚCLEO HABITACIONAL A NASCENTE 17

FIGURA 14 – PLANTA DE 1892 20

FIGURA 15 – PLANTA DE 1940 20

FIGURA 16 – PLANTA de 1979 21

FIGURA 17 – PLANTA de 2014 21

FIGURA 18 – PLANTA DE 2026 22

FIGURA 19 – VESTÍGIOS DOS ARRANJOS EXTERIORES DAS TORRES 23

FIGURA 20 – FOTOMONTAGEM ILUSTRATIVA DO VALE 24

FIGURA 21 – PAREDE DA CASA DA CARDOSA 24

FIGURA 22 – VISTA DA PONTE DA ARRÁBIDA 25

FIGURA 23– PLANTA DO PDM DO PORTO 26

FIGURA 24 – PROPOSTA MUNICIPAL 27

FIGURA 25 - VISTA DE GAIA APARTIR DO VALE 30

FIGURA 26 – ÁREAS PRIVADAS 32
FIGURA 27 – ZONAS DE ESTAR 32
FIGURA 28 – LIGAÇÃO ENTRE NÚCLEOS 32
FIGURA 29 – VISTA DO VALE 35
FIGURA 30 – PORTAS DO PARQUE 37
FIGURA 31 – ESTRUTURA ECOLÓGICA COMO PARQUE 37
FIGURA 32 – PRÉ – EXISTÊNCIAS 37
FIGURA 33 – PLANTA DE 1856 38
FIGURA 34 – PLANTA DE 1892 38
FIGURA 35 – CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE DE ENERGIA ELÉTRICA 39
FIGURA 36 – PLANTA DE 1913 39
FIGURA 37 – FASE MÁXIMA DE EXPANSÃO DO COMPLEXO 39
FIGURA 38 – PLANTA DE 1939 39
FIGURA 39 – PLANTA DE 1960 40
FIGURA 40 – ESTRUTURA DA FÁBRICA 40
FIGURA 41 – PLANTA DE 2003 40
FIGURA 42 – VISTA DO VALE DO OURO APARTIR DE GAIA 40
FIGURA 43 – PLANTA DE 2026 41
FIGURA 44– VISTA DO PÁTIO, 2016 42
FIGURA 45 – SALA DOS FORNOS, 2016 43
FIGURA 46 – SALA DAS MÁQUINAS, 2016 43
FIGURA 47 – EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS, 2016 43
FIGURA 48 – VISTA EXTERIOR NORTE, 2022 44
FIGURA 49 – ATIVAÇÃO DA FÁBRICA 46
FIGURA 50 – DESCONSTRUÇÃO CONSTRUTIVA DA FÁBRICA 46
FIGURA 51 – RELAÇÃO DO PÁTIO COM A FÁBRICA 47
FIGURA 52 - SISTEMA DE ILUMINAÇÃO DAS COBERTURAS 47
FIGURA 53 – CONFIGURAÇÃO DE ALGUMAS DAS ILHAS DA ENVOLVENTE 48
FIGURA 54 – CONFIGURAÇÃO DO BAIRRO DA PASTELEIRA 49
FIGURA 55 – LÓGICA DE RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS 50
FIGURA 56 – CONFIGURAÇÃO DAS HABITAÇÕES NA FÁBRICA 50
FIGURA 57 – CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS “TIPÍCOS” NA HABITAÇÃO 51
FIGURA 58 – ESPAÇO NA FRENTE DA FÁBRICA 52
FIGURA 59 – VALE DO OURO 56
FIGURA 60 – “PARQUE” ATUALMENTE 58
FIGURA 61 – MODIFICAÇÕES NO VALE 59
FIGURA 62 – AXONOMETRIA ESTRATIFICADA DA PROPOSTA 61
FIGURA 63 – PROPOSTA DA RECONFIGURAÇÃO DO VALE 63
FIGURA 64 – SECÇÃO ATUAL DO VALE 64
FIGURA 65 – SECÇÃO COM AS MODIFICAÇÕES 66
FIGURA 66 – SECÇÃO DA PROPOSTA DO PARQUE 68
FIGURA 67 – PROPOSTA DE ALÇADO DA FRENTE RIBEIRINHA 70
FIGURA 68 – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DA FÁBRICA 72
FIGURA 69 – PLANTA DE RÉS DE CHÃO DA FÁBRICA COM O PARQUE 74
FIGURA 70 – PLANTA DO PISO 1 DA FÁBRICA 76
FIGURA 71 – SECÇÃO PELO EDIFÍCIO DE ENERGIA ELÉTRICA 78
FIGURA 72 – SECÇÃO PELA SALA DOS FORNOS 80
FIGURA 73 – ALÇADO ATUAL DA SALA DOS FORNOS 82
FIGURA 74 – ALÇADO PROPOSTO PARA A SALA DOS FORNO 83
FIGURA 75 – PORMENOR CONSTRUTIVO DA FACHADA POENTE DA SALA DOS FORNOS 85
FIGURA 76 – MÓDULO DE HABITAÇÃO 86
FIGURA 77 – AGREGAÇÃO DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO (PISO 1) 87
FIGURA 78 – AGREGAÇÃO DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO (PISO 2) 87
FIGURA 79 – VISTA DO ALTO DA ARRÁBIDA 89

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de projeto surge a partir de uma reflexão em torno do conceito de decrescimento. Inicialmente desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Atelier Integrado, com o arranque do trabalho em grupo (Daniela Mendes, Rui Bessa e Maria do Carmo), consolidou-se o interesse por uma abordagem crítica às atuais formas de ocupação do território, procurando desenvolver uma proposta que tivesse como ponto de partida os princípios do decrescimento. A partir deste trabalho coletivo surgiram dois temas que, posteriormente, se prolongaram no desenvolvimento das teses individuais, mantendo uma base conceptual comum e explorando diferentes formas de intervenção e interpretação do território.

O decrescimento afirma-se como um movimento político, económico e social que defende a redução do consumo excessivo de recursos e a necessidade de reajustar os sistemas humanos aos limites ecológicos do planeta. Mais do que uma lógica de escassez, propõe uma transformação da forma como produzimos, ocupamos e vivemos o território, privilegiando a reutilização, a proximidade, a partilha e a valorização do existente em detrimento da lógica contínua de produção, substituição e desperdício.

Neste contexto, o conceito de decrescimento convida também a repensar a própria arquitetura e a forma como esta intervém sobre o território. Atualmente, grande parte da construção urbana desenvolve-se segundo modelos rápidos e padronizados, frequentemente desligados das especificidades sociais, ecológicas e históricas dos lugares onde se inserem. Esta lógica contribui não só para o aumento da ocupação territorial e do consumo de recursos, mas também para a fragmentação das relações urbanas e para a perda de espaços coletivos capazes de promover vivências comunitárias e formas mais próximas de habitar.

É neste enquadramento que surge o interesse pelo território de Lordelo do Ouro, mais precisamente o “Vale do Ouro” como caso de estudo e princípio orientador do trabalho. Marcado pelo abandono da antiga Fábrica do Gás e pela demolição das Torres do Aleixo, o vale apresenta-se atualmente como um território fragmentado, desarticulado e em grande parte desativado.

Perante o crescente interesse imobiliário e as novas pressões de transformação urbana, o Vale do Ouro encontra-se numa condição particularmente sensível, correndo o risco de vir a ser novamente ocupado através de modelos padronizados e excessivamente compartimentados. Neste sentido, o trabalho procura questionar de que forma este território poderá voltar a assumir um papel estruturante na freguesia, não apenas através da introdução de nova construção, mas sobretudo pela capacidade de reconstruir relações entre cidade, paisagem e comunidade.

O desenvolvimento do trabalho baseou-se na articulação entre investigação teórica, análise territorial e desenvolvimento projetual, recorrendo à análise de arquivos e cartografia histórica, bem como a visitas ao local e observação direta do território. Estruturalmente, o trabalho organiza-se em três capítulos: um primeiro capítulo dedicado à análise do território e do caso de estudo, um segundo centrado na definição da estratégia de intervenção e um terceiro correspondente ao desenvolvimento da proposta de projeto.

CAPÍTULO I

O VALE DO OURO



FIGURA 1 - FOTOGRAFIA DO VALE EM 2025

O VALE DE LORDELO DO OURO

O vale de Lordelo do Ouro constitui uma das principais depressões naturais que estruturam a relação entre a cidade do Porto e o rio Douro (figura1). Este caracteriza-se por uma topografia acentuada, onde as encostas descem progressivamente desde a cidade consolidada até à frente ribeirinha, estabelecendo uma transição entre a ocupação urbana e a paisagem fluvial.

Historicamente, o vale desempenhou um papel determinante na organização do território, não apenas pela sua configuração topográfica, mas também pela presença de linhas de água, hoje maioritariamente canalizadas, que orientavam a ocupação e sustentavam atividades produtivas, associadas à proximidade do rio. Com o avanço da industrialização, esta lógica territorial foi sendo progressivamente substituída por uma ocupação intensiva de carácter fabril, marcada pela implantação da antiga Fábrica do Gás, cuja presença redefiniu profundamente a identidade do vale (figura 2).

Apesar das sucessivas transformações e da forte artificialização ocorrida ao longo do século XX (figura 3), o vale conserva ainda uma condição latente de continuidade ecológica e espacial. Na sua cota mais baixa destaca-se o "Vale do Ouro", uma vasta área anteriormente ocupada pela Companhia do Gás e pelas Torres do Aleixo. Atualmente, esta área encontra-se dividida em três parcelas distintas, definidas pelas vias que o atravessam, persistindo nelas apenas fragmentos da ocupação anterior (muros, pavimentos e elementos dispersos) aos quais se sobrepõe uma vegetação espontânea em crescimento contínuo, acentuando a perceção de abandono e suspensão temporal (figuras 4 e 5).

A relação com a envolvente imediata reforça esta condição de desativação. O vale encontra-se enclausurado por habitações e muros de propriedade, assumindo um carácter predominantemente tardoz. As construções orientam-se para os principais eixos de circulação, relegando o vale para um espaço residual, marcado pela reduzida permeabilidade e pela ausência de integração nas dinâmicas urbanas da freguesia (figura 6).

Esta situação torna-se particularmente evidente quando se considera a sua posição central entre dois núcleos urbanos consolidados. Delimitado a sul pela frente ribeirinha e articulado, a norte, com uma das principais vias de Lordelo, o vale permanece, ainda assim, desligado da vivência quotidiana.

Neste contexto, o vale apresenta-se como um território fragmentado, onde coexistem infraestruturas em desuso, áreas residenciais e extensos vazios urbanos, com uma evidente desarticulação entre as áreas usadas e as sem uso. Esta condição híbrida reflete tanto os processos de transformação que o moldaram como as oportunidades de reinterpretação do espaço. A proximidade ao rio, aliada à descontinuidade do tecido construído, confere-lhe a capacidade de atuar como elemento de articulação entre diferentes escalas da cidade.



FIGURA 2 - PLANTA DE ENQUADRAMENTO DO VALE

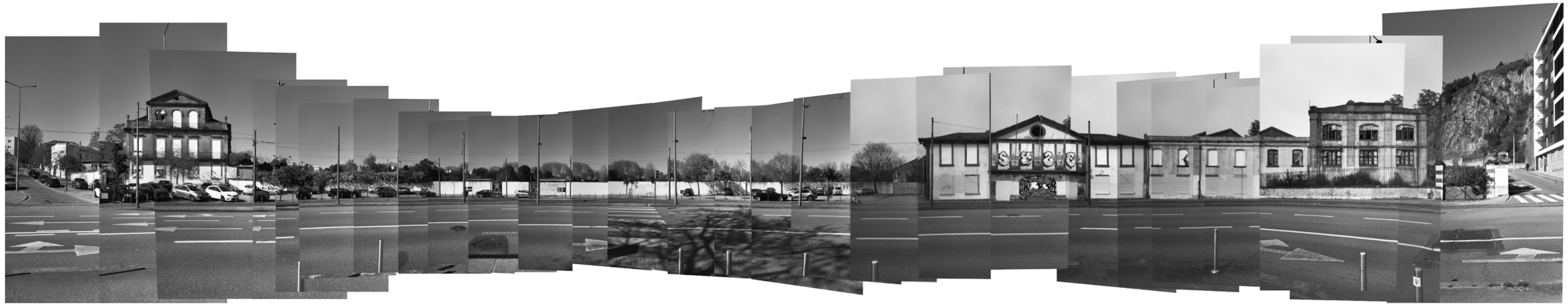


FIGURA 3 - FOTOMONTAGEM DA FRENTE DA FÁBRICA



FIGURA 4 - FOTOMONTAGEM DO VALE DO OURO, MARÇO



FIGURA 5 - FOTOMONTAGEM DO VALE DO OURO, ABRIL



FIGURA 6 - FOTOMONTAGEM DA ENVOLVENTE POENTE

A RELAÇÃO ENTRE A FREGUESIA E O VALE

O Vale do Ouro localiza-se no território de Lordelo do Ouro, atualmente integrado na União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, na cidade do Porto (figura 7). A freguesia, que até ao século XIX se encontrava associada ao concelho de Matosinhos, foi integrada no Porto em 1836[1], acompanhando as transformações administrativas e urbanas que moldaram o crescimento da cidade.

Desde então, o desenvolvimento de Lordelo do Ouro estruturou-se numa relação direta, embora desigual, com o vale. Enquanto o tecido urbano se consolidou nas cotas superiores, ao longo dos principais eixos de circulação (figura 8), acompanhando as lógicas de crescimento da cidade, o vale foi sendo reservado a funções produtivas e infraestruturais. Esta distribuição funcional gerou uma proximidade física evidente, mas também um progressivo afastamento no modo como estes espaços eram vividos e apropriados. Ao longo do tempo, esta dissociação foi-se acentuando.



FIGURA 7 - ENQUADRAMENTO DA FREGUESIA NO PORTO

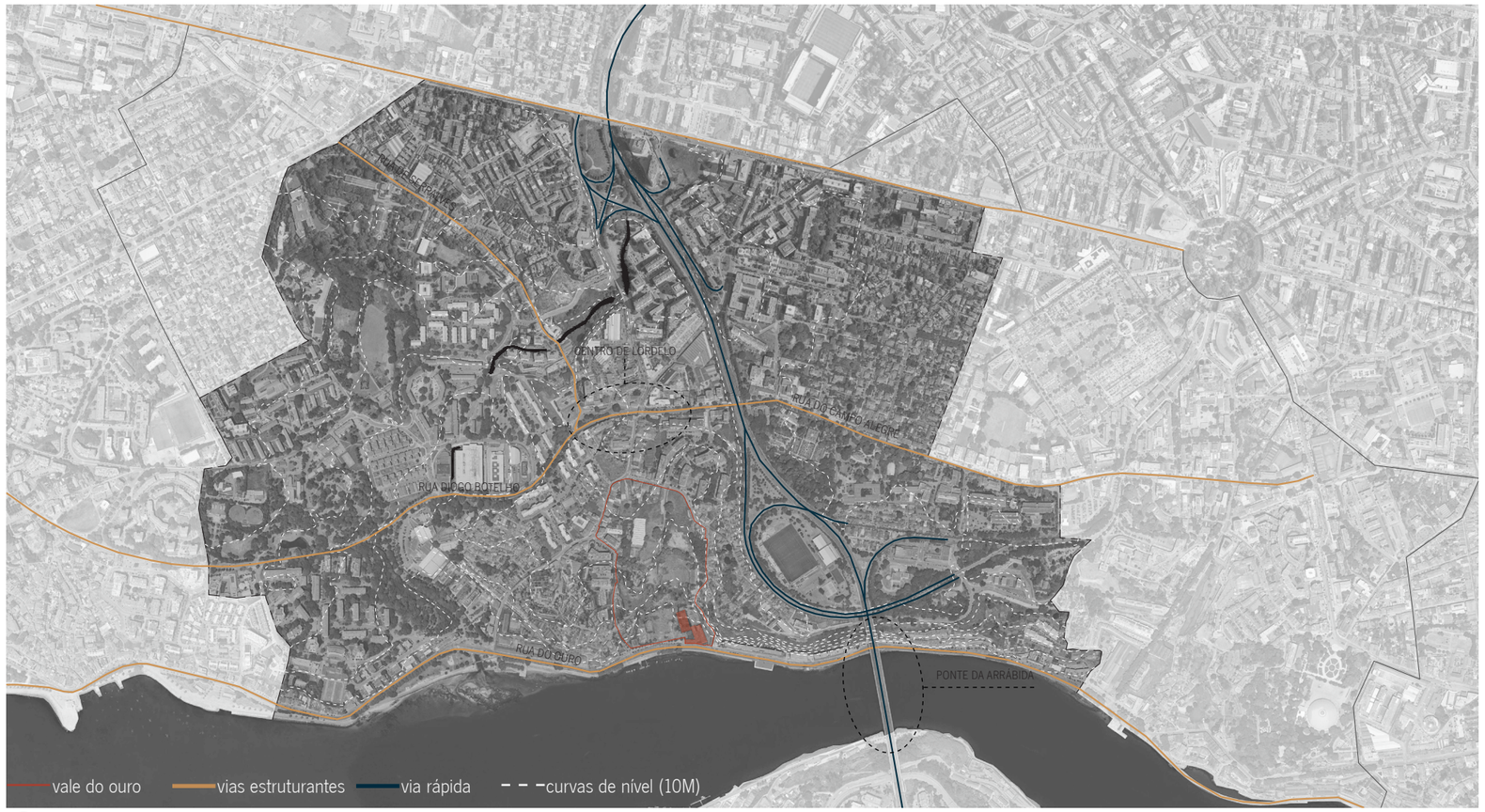


FIGURA 8 - CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA

1 - União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos. *Caracterização da freguesia*

A implantação da Fábrica do Gás reforçou esta condição, consolidando o vale como território especializado e relativamente inacessível, ao introduzir uma barreira física e percetiva entre a freguesia e a frente ribeirinha. Mais tarde, já no século XX, a construção das Torres do Aleixo veio intensificar esta fragmentação. Se, por um lado, contribuiu para o aumento significativo da densidade populacional da área, por outro acentuou a separação entre diferentes formas de habitar e aprofundou a desarticulação territorial.

Atualmente, Lordelo do Ouro apresenta uma elevada densidade populacional, refletindo uma contínua pressão para o desenvolvimento habitacional. Esta realidade torna-se particularmente evidente na envolvente do Vale, marcada por uma crescente de novas construções residenciais e substituição de edificado antigo, como ilhas, ainda bastante persistentes nos dois núcleos urbanos consolidados que delimitam o vale (figura 9).

Cerca de 18% da população de Lordelo reside em habitação social[1], concentrando-se sobretudo na zona poente, onde se verifica também uma maior presença de serviços e equipamentos orientados para responder às necessidades da população residente (figura 10). Já próximo ao vale, os principais serviços concentram-se essencialmente no centro da freguesia e ao longo da frente ribeirinha, contribuindo para uma distribuição desigual das infraestruturas e da oferta urbana. Esta condição evidencia assimetrias internas na freguesia, tanto ao nível da habitação como do acesso a equipamentos, serviços e espaços de uso coletivo.

Apesar desta densificação, o vale permaneceu à margem dos principais processos de transformação urbana que marcaram a envolvente. A ausência de percursos estruturantes, a descontinuidade entre espaços públicos (figura 11) e a permanência de infraestruturas obsoletas contribuíram para a perda da sua legibilidade enquanto elemento articulador. Progressivamente, deixou de desempenhar um papel ativo na organização da freguesia, passando a assumir a condição de vazio urbano, um espaço residual, percecionado mais como intervalo do que como lugar.



FIGURA 9 - CARACTERIZAÇÃO DA HABITAÇÃO



FIGURA 10 - LOCALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS



FIGURA 11 - ESPAÇOS PÚBLICOS E LINHAS DE ÁGUA

Este contraste torna-se particularmente evidente quando comparado com a frente ribeirinha, que nas últimas décadas tem sido alvo de um processo contínuo de regeneração urbana. A reabilitação do edificado, a introdução de novos usos e a qualificação do espaço público, em grande medida associadas ao crescimento do turismo, redefiniram a relação dos habitantes com o rio. Elementos como a linha de elétrico, os equipamentos de apoio às atividades náuticas e as áreas de lazer contribuíram para consolidar uma nova atratividade ao longo da margem do Douro (figura 12).

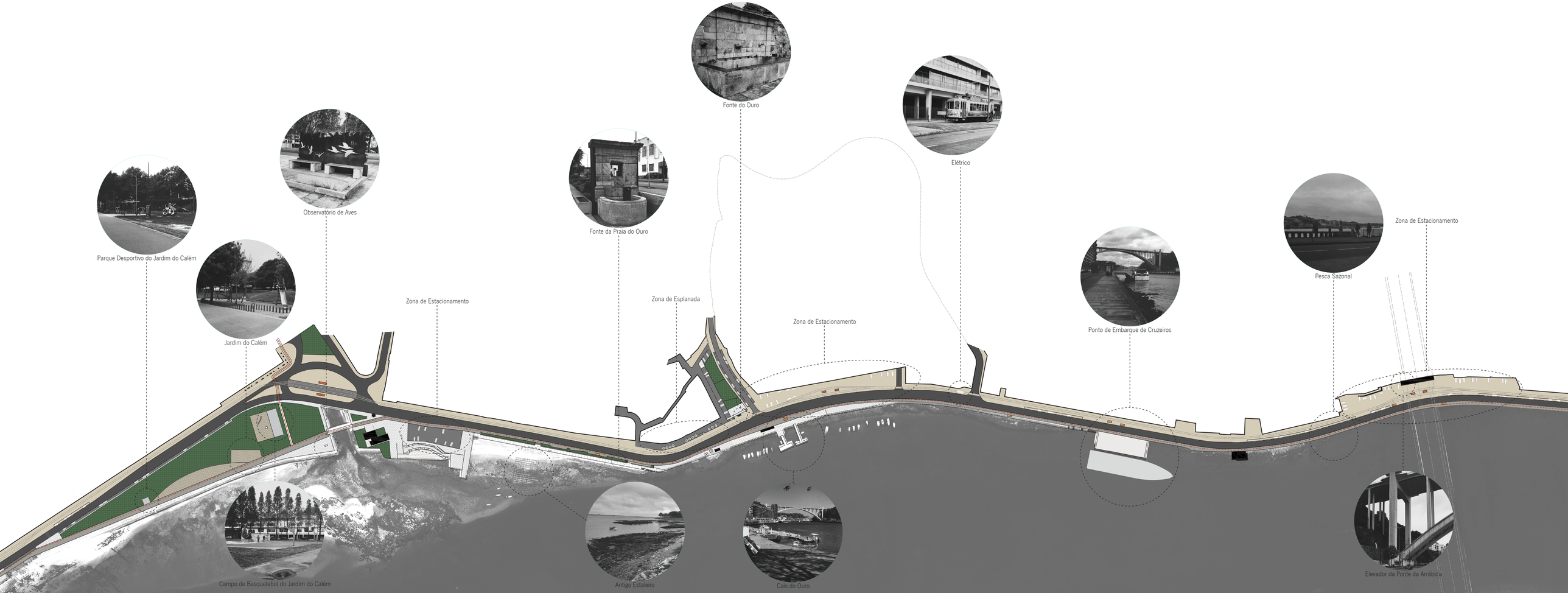


FIGURA 12 - FRENTE RIBEIRINHA



FIGURA 13. NÚCLEO HABITACIONAL A NASCENTE

É neste desfasamento que emerge o potencial do Vale do Ouro: a possibilidade de reconstruir a ligação entre a cidade consolidada e o rio, reativando-o como espaço de atravessamento, permanência e uso coletivo (figura 13). Contudo, permanece hoje como um território estagnado, pouco integrado nas dinâmicas de evolução que o rodeiam, reflexo de um processo contínuo de abandono e esquecimento. Mas terá sido sempre assim?

ABANDONO DA FÁBRICA DO GÁS E DEMOLIÇÃO DAS TORRES DO ALEIXO



FIGURA 14 - PLANTA DE 1892[2]

FIGURA 15 - PLANTA DE 1940[2]

FIGURA 16 - PLANTA DE 1979[2]

FIGURA 17 - PLANTA DE 2014[2]

Historicamente, Lordelo do Ouro beneficiou de uma localização estratégica, funcionando como ponto de contacto entre o rio Douro e o mar. Esta condição favoreceu o desenvolvimento de atividades ligadas à pesca e à construção naval, que marcaram a economia local durante largos períodos. A partir do século XIX, com a intensificação do processo de industrialização, a proximidade ao rio passou a assumir um novo papel, facilitando a circulação de matérias-primas e produtos, impulsionando a instalação de unidades industriais. É neste contexto que se implanta a Fábrica do Gás, com o objetivo de fornecer iluminação pública à cidade do Porto.

Neste período, o Vale do Ouro apresentava uma configuração distinta da atual: junto ao rio concentrava-se a atividade industrial, enquanto a norte predominavam áreas agrícolas organizadas em socalcos, estruturadas pela presença da linha de água então ainda a céu aberto (figura 14). Durante várias décadas, esta coexistência entre produção industrial e uso agrícola definiu a identidade do vale.

O Vale permaneceu assim durante décadas, densificando-se e aumentando a resposta habitacional, devido ao desenvolvimento fabril (figura 15). Com o encerramento da Fábrica do Gás, na década de 1920, iniciou-se um processo gradual de desativação funcional do território. Permaneceram estruturas industriais obsoletas e uma forte memória associada ao passado produtivo do lugar, contribuindo para reforçar a sua condição periférica dentro da cidade.

Ao longo das décadas seguintes, o território foi perdendo progressivamente o seu carácter industrial e assumindo uma crescente predominância residencial. A construção das Torres do Aleixo, na década de 70 (figura 16), constituiu um momento determinante desta transformação, introduzindo uma nova escala habitacional e reforçando a ocupação do vale.

Já no início do século XXI, o declínio das atividades industriais na frente do Douro abriu caminho a novas dinâmicas urbanas centradas na habitação e na valorização da paisagem ribeirinha. A partir de 2011, a demolição progressiva das Torres do Aleixo intensificou este processo de transformação (figura 17), revelando fragilidades nas políticas de habitação social e contribuindo para uma profunda reconfiguração da estrutura urbana e da comunidade local.

2 - as plantas originais correspondentes encontram-se disponíveis em anexo



FIGURA 18 - PLANTA DE 2026[3]

3 - a planta original encontra-se disponíveis em anexo

A sobreposição destes dois processos, o abandono industrial e o desmantelamento habitacional, deu origem a uma condição singular: um território amplo, central e, em grande parte, desocupado, hoje marcado pela perda simultânea de edificado e de população (figura 18). O Vale do Ouro surge, assim, como resultado de sucessivas fases de construção e demolição (figura 19), traduzindo-se numa rutura na malha urbana e num espaço fragmentado, desprovido de centralidade e de atratividade. Nos últimos anos, esta condição tem vindo a ser progressivamente reconhecida como oportunidade de transformação, refletindo-se no interesse por novas intervenções, sobretudo de carácter habitacional.

Esta condição, entre o abandono e a expetativa, revela o seu potencial. Este vazio urbano pode ser entendido como uma infraestrutura latente, capaz de acolher novas formas de habitar, produzir e relacionar. A sua escala, a proximidade ao rio e a memória acumulada ao longo do tempo oferecem a possibilidade de uma intervenção que não se limite à ocupação, mas que proponha uma reinterpretação integrada e crítica do território.

FIGURA 19 - VESTÍGIOS DOS ARRANJOS EXTERIORES DAS TORRES



FIGURA 20 - FOTOMONTAGEM ILUSTRATIVA DO VALE

A OPORTUNIDADE DO VALE DO OURO

O estado atual do Vale do Ouro, não resulta apenas da desativação da Fábrica do Gás ou da demolição das Torres do Aleixo, mas também de um conjunto de decisões urbanísticas que, ao longo do tempo, contribuíram para a sua marginalização. A especialização funcional do território, primeiro industrial e mais tarde habitacional, produziu um espaço desarticulado e pouco adaptável às transformações da cidade. Neste sentido, o abandono pode ser entendido não como uma condição acidental, mas como consequência dos modelos de planeamento que privilegiaram a segregação entre funções urbanas, separando habitar, produzir e circular (figura 20). A condição atual do vale revela, assim, as limitações dessas estratégias e evidencia a necessidade de pensar formas mais integradas e flexíveis de construir cidade.

No passado, esta área desempenhou um papel determinante na organização e desenvolvimento da sua envolvente, hoje, porém, apresenta-se num estado de desvalorização e relativo abandono (figura 21). Ainda assim, tem vindo a ser recorrentemente identificado como um território com elevado potencial de transformação, sobretudo pela sua localização e pelo valor paisagístico associado à proximidade do rio (figura 22).

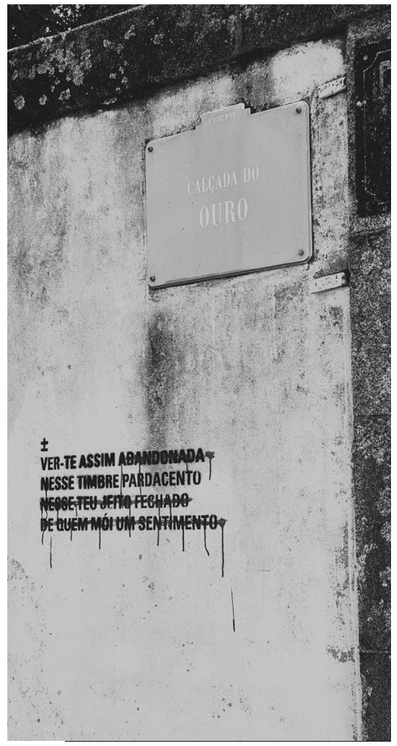


FIGURA 21 - PAREDE DA CASA DA CARDOSA



FIGURA 22 - VISTA DA PONTE DA ARRÁBIDA



área de blocos isolados de implantação livre
área reservada a equipamentos coletivos
área verde de acesso público
zona inundável
área potencialmente instável
linha de água enterrada

FIGURA 23 - PLANTA DO PDM DO PORTO

De acordo com o Plano Diretor Municipal de 2021[4], o Vale encontra-se destinado à implantação de blocos habitacionais isolados, organizados em torno de um corredor verde central que acompanha a antiga linha de água, atualmente enterrada (figura 23). Esta orientação, embora reconheça a presença da estrutura natural, revela-se limitadora na medida em que condiciona a organização do território a um modelo pré-definido, reduzindo a possibilidade de explorar soluções mais ajustadas às especificidades do lugar e às necessidades da população envolvente.

A proposta municipal[5] (figura 24) para a reconfiguração do Vale assenta na introdução de novos blocos habitacionais articulados com um espaço verde central. Contudo, esta estratégia tende a transformar o vale num território predominantemente residencial, onde o espaço verde assume um carácter semi-privatizado e condicionado pela presença da nova construção. Ao privilegiar a ocupação edificada e admitir a demolição dos vestígios fabris existentes, a proposta não só desvaloriza a memória industrial do lugar, como reforça uma lógica de compartimentação do território. Em vez de promover continuidade e permeabilidade, os novos volumes acabam por constituir uma barreira construída entre os diferentes tecidos urbanos, dificultando a relação entre o vale, a frente ribeirinha e os núcleos envolventes. Desta forma, o espaço verde perde a



blocos isolados de implantação livre
eixos pedonais
área verde
novas vias
0 50 100 150 200M

FIGURA 24 - PLANO MUNICIPAL[5]

possibilidade de se afirmar como elemento verdadeiramente público e estruturante, permanecendo subordinado à lógica habitacional que o delimita.

Deste modo, o potencial do Vale corre o risco de ser profundamente subaproveitado, restringindo-se a sua utilização a um conjunto limitado de habitantes e enfraquecendo a sua capacidade de articulação com a envolvente. Em vez de se afirmar como elemento estruturante e integrador, o território poderá acabar por perpetuar a sua condição de fragmentação, reforçando dinâmicas de separação em vez de promover ligações continuidade e ligação entre as diferentes partes da cidade

Torna-se, assim, necessário repensar o papel que o Vale pode assumir na construção de uma estrutura urbana mais inclusiva, permeável e contínua. A verdadeira oportunidade não reside apenas na ocupação do vazio, mas na sua capacidade de funcionar como espaço de relação e mediação: entre passado e futuro, entre cidade e paisagem, entre habitação e vida coletiva.

4 - Câmara Municipal do Porto. *PDM 2021*

5 - desenhos originais da proposta municipa da Câmara Municipal do Porto encontram-se em anexo

CAPÍTULO II

VIDAS COMUNS



FIGURA 25 - VISTA DE GAIA APARTIR DO VALE

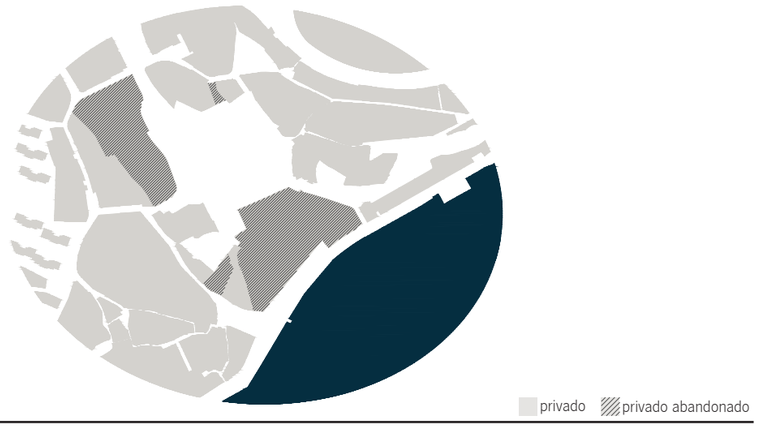


FIGURA 26 - ÁREAS PRIVADAS

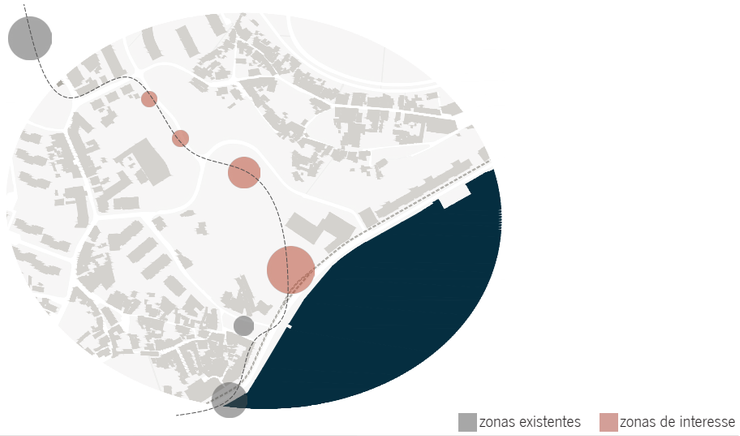


FIGURA 27 - ZONAS DE ESTAR



FIGURA 28 - LIGAÇÃO ENTRE NÚCLEOS

O VALE COMO ESTRUTURA DE CONTINUIDADE

Perante esta condição de fragmentação e descontinuidade, a proposta procura reinterpretar o Vale do Ouro não como um vazio urbano a ocupar, mas como uma infraestrutura capaz de reestabelecer relações, interrompidas entre cidade, paisagem e comunidade (figura 25). A sua posição entre a cidade consolidada e a frente ribeirinha, entre áreas residenciais e infraestruturas desativadas, confere-lhe um papel potencialmente estruturante na organização urbana do Porto. Atualmente marcado pela ausência de uso e pela desarticulação territorial, o vale apresenta, ainda assim, a possibilidade de voltar a assumir uma função ativa, funcionando como espaço de contacto, atravessamento e permanência coletiva.

Neste enquadramento, a proposta procura responder a fragilidades atualmente presentes no território, nomeadamente à reduzida permeabilidade entre o vale e o espaço públicos envolvente. Atualmente, o Vale encontra-se enclausurado por estruturas de carácter privativo, dificultando a sua relação com os principais eixos viários e com a vivência quotidiana da freguesia. Contudo, na envolvente persistem diversos terrenos devolutos e áreas em abandono que poderão funcionar como oportunidade para criar novos acessos (figura 26).

A proposta procurará igualmente responder à escassez de espaços públicos qualificados e de áreas de permanência coletiva, atualmente concentradas sobretudo na frente ribeirinha e no centro da freguesia. Neste sentido, o vale apresenta a possibilidade de acolher novas zonas de estadia, convívio e uso partilhado, capazes de promover a permanência e reforçar a relação entre os habitantes e o território (figura 27). Mais do que um espaço de passagem, pretende-se que o vale possa voltar a assumir-se como lugar vivido e apropriado coletivamente.

Paralelamente, procurar-se-á reforçar a articulação entre os diferentes núcleos habitacionais envolventes, atualmente marcados por relações frágeis e descontínuas. A estratégia tomará partido das estruturas pedonais existentes e dos percursos já utilizados pela população, prolongando-os e integrando-os numa rede contínua de circulação pedonal, capaz de estabelecer novas ligações entre as diferentes partes da freguesia (figura 28).

Mais do que introduzir uma nova ocupação edificada, a proposta procura transformar um território marcado pela separação e pela descontinuidade num espaço de ligação.

REATIVAÇÃO DO VALE EM PARQUE PÚBLICO

A estratégia procurará reativar o Vale do Ouro através da criação de um parque público contínuo, entendido simultaneamente como infraestrutura ecológica, social e urbana. Mais do que a implementação de intervenções pontuais, pretende-se atuar sobre as relações existentes no território, reconstruindo continuidades espaciais interrompidas e devolvendo ao vale uma condição de centralidade e uso coletivo.

Em contraponto à proposta municipal de ocupação fragmentada, o parque assumir-se-á como principal elemento estruturador da intervenção, capaz de articular os diferentes núcleos habitacionais, os vestígios da antiga Fábrica do Gás e a frente ribeirinha. Procurar-se-á garantir a sua permeabilidade e continuidade com a envolvente, afirmando-o como um espaço acessível e coletivo, em oposição a uma lógica de enclausuramento ou privatização (figura 29).

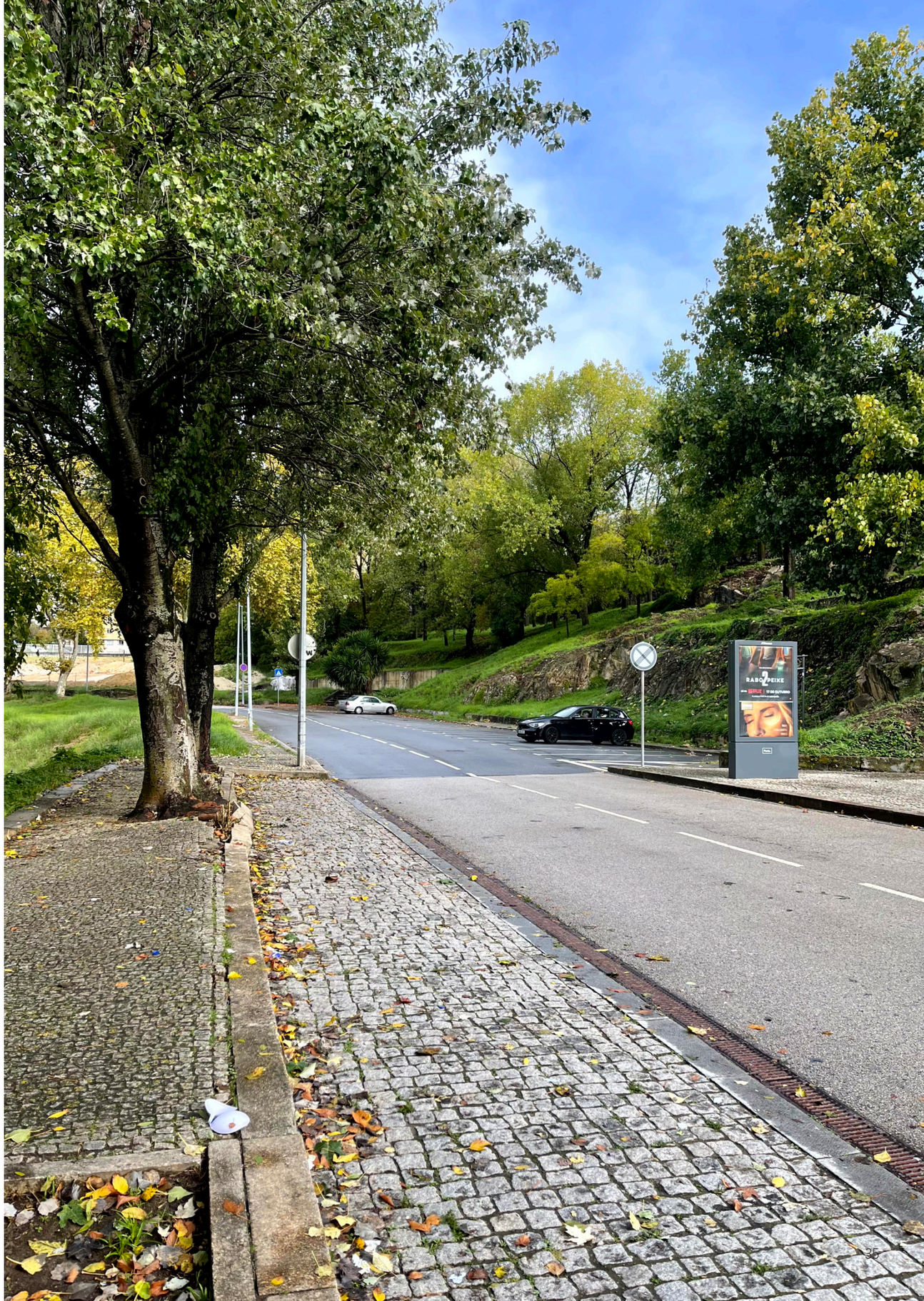


FIGURA 29 - VISTA DO VALE

Com esta perspetiva, a reformulação dos percursos e, sobretudo, a criação de novos acessos ao vale tornar-se-ão fundamentais. Os novos pontos de entrada, procurarão abrir o Vale do Ouro à cidade, permitindo, assim, reestabelecer a continuidade com a frente ribeirinha, reconstruindo a relação com o rio, progressivamente condicionada pelos sucessivos processos de industrialização e desindustrialização (figura 30).

Ao longo do século XX, as relações entre a topografia, o rio e o próprio vale foram profundamente alterados pelos processos de ocupação industrial, urbanização e abandono. Ainda assim, permanecem visíveis diversos elementos da estrutura original do território, como os desníveis naturais do terreno, o antigo percurso de água, a vegetação espontânea e a proximidade à frente ribeirinha. A proposta procurará reconhecer estas características, utilizando-as para organizar as formas de circular, permanecer e habitar o território. A recuperação da permeabilidade do solo e o tratamento da vegetação contribuirão para melhorar as condições ambientais do território e reforçar a sua continuidade ecológica (figura 31).

A intervenção integrará também uma lógica de reutilização e transformação do existente, alinhada com os princípios do decrescimento. Em vez de substituir integralmente os elementos presentes no vale, procurar-se-á reaproveitar materiais e estruturas já existentes, reintegrando-os em novos espaços de uso coletivo. Pavimentos removidos, fragmentos construtivos e outros materiais resultantes da transformação do lugar serão reutilizados na construção de percursos, zonas de estadia ou pequenos equipamentos de apoio, prolongando a memória material do território e reduzindo o impacto associado à introdução de novos recursos (figura 32).

O parque articular-se-á com percursos pedonais, zonas de estadia, áreas de cultivo, espaços de lazer e pequenos equipamentos de apoio, promovendo diferentes formas de utilização e apropriação coletiva. Mais do que um simples espaço verde, será entendido como uma estrutura pública capaz de reorganizar o território, aproximar diferentes partes da freguesia e reativar relações urbanas interrompidas ao longo do tempo.



FIGURA 30 - PORTAS DO PARQUE

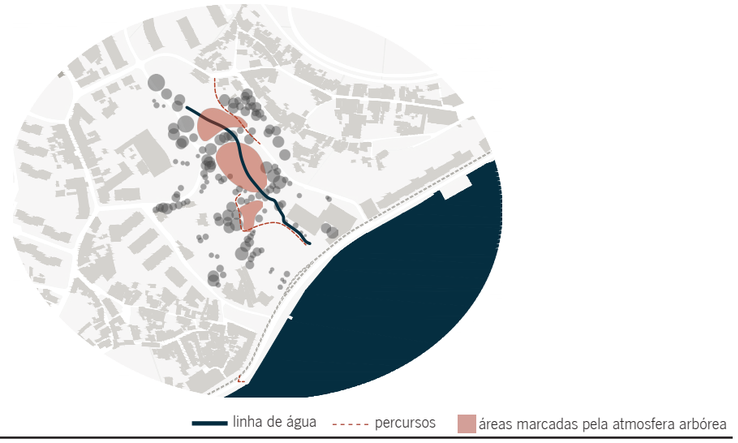


FIGURA 31 - ESTRUTURA ECOLÓGICA COMO PARQUE

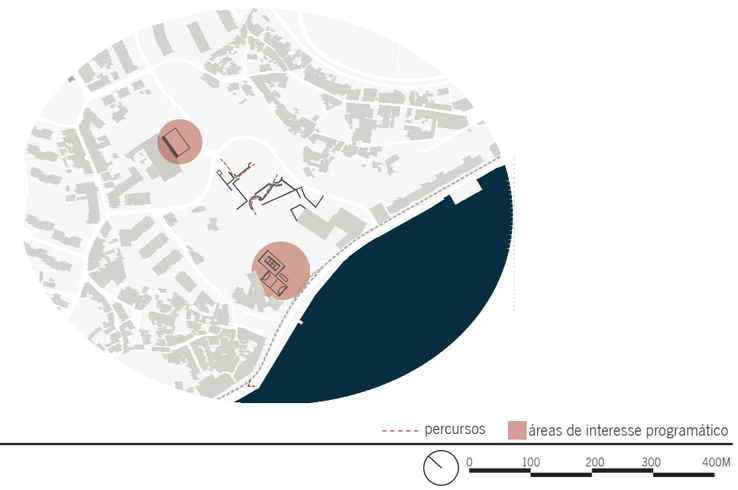


FIGURA 32 - PRÉ EXISTÊNCIAS

ENTRE A MEMÓRIA INDUSTRIAL E O PRESENTE - A HISTÓRIA DA FÁBRICA

Com o intuito de reativar o Vale do Ouro e restabelecer a sua ligação ao rio Douro, torna-se fundamental compreender o papel que a antiga Fábrica do Gás desempenhou na transformação deste território. A sua implantação marcou profundamente a paisagem e alterou a relação entre o vale e a frente ribeirinha, funcionando simultaneamente como elemento de desenvolvimento industrial e como barreira física e percetiva. Ainda hoje, apesar do estado de abandono, os vestígios da fábrica mantêm uma forte presença no território, tornando-se essenciais para compreender a identidade do lugar e o potencial da sua reconversão.

A Fábrica do Gás resulta de um processo contínuo de construção, adaptação e transformação, diretamente relacionado com a evolução técnica e o crescimento da cidade do Porto[6]. A sua origem remonta a 1855, no âmbito de um concurso público destinado à iluminação da cidade, que levou à criação da Companhia Portuense de Iluminação a Gás[7]. Por decisão municipal, as infraestruturas de produção deveriam localizar-se fora do núcleo urbano consolidado, sendo escolhida a zona de Lordelo do Ouro para a implantação do primeiro núcleo da fábrica[8] (figura 33).

Ao longo deste período, a Companhia enfrentou dificuldades financeiras e vários conflitos com a Câmara Municipal. No final do século XIX, após o término do contrato existente, a Câmara tomou posse das instalações e criou a Companhia do Gás do Porto, responsável pela modernização e expansão da fábrica, através da construção de novos gasómetros e infraestruturas capazes de responder ao aumento da procura[9] (figura 34).

6 -Lino, A. I. B. (2024), (Des)continuidades na paisagem ribeirinha: Indústria, ruína, transformação, Vol. I, FAUP.
7 - Porto Arc. (2016). Companhia do gás e companhia de luz
8 - A Câmara Municipal do Porto e a construção do espaço urbano da cidade (1820–1865). (1998)
9 - Oliveira, A. T. M. (2023). Avaliação de documentação acumulada: Um estudo de caso no Arquivo Histórico Municipal do Porto. Universidade do Porto.

Nas últimas décadas do século XIX, começou a haver a introdução progressiva da eletricidade, começou a reduzir a importância do gás como principal fonte de energia. Esta mudança, aliada às dificuldades económicas da Companhia, conduziu à criação da Sociedade de Energia Elétrica do Porto[7], implantada junto à fábrica existente e destinada à produção de energia elétrica (figura 35). Esta transformação implicou alterações importantes no território, como a reformulação da Travessa da Arrábida e a reorganização do terreno envolvente[6], consolidando o vale como um importante polo energético da cidade (figura 36).

Apesar deste crescimento (figura 37), a fábrica entra progressivamente em declínio, conduzindo à municipalização dos serviços em 1917[9]. Poucos anos depois, com o surgimento de sistemas energéticos mais eficientes, como a central hidroelétrica de Lindoso, a atividade foi sendo gradualmente desativada, permanecendo apenas em regime de reserva até meados da década de 1920 (figura 38).

1907

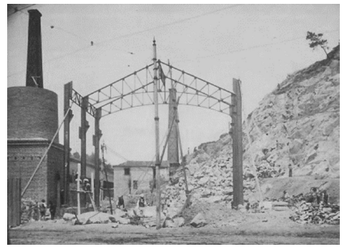


FIGURA 35 - CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE DE ENERGIA ELÉTRICA

1920's

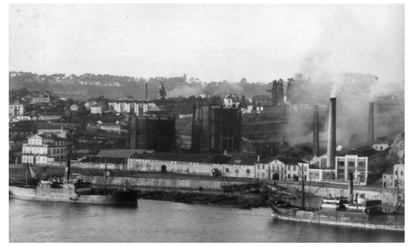


FIGURA 37 - FASE MÁXIMA DE EXPANSÃO DO COMPLEXO

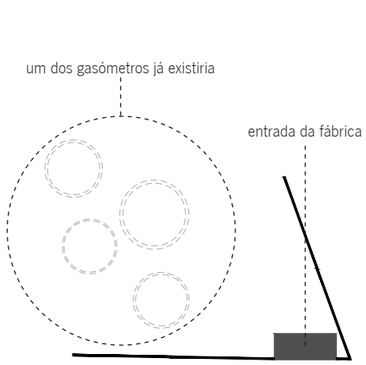


FIGURA 33 - PLANTA DE 1856

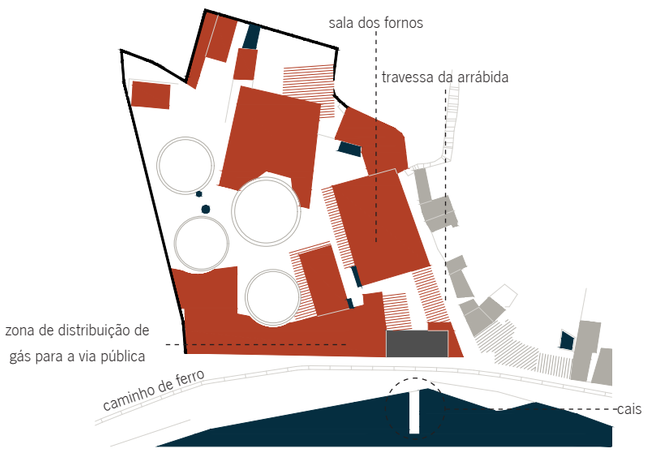


FIGURA 34 - PLANTA DE 1892



FIGURA 36 - PLANTA DE 1913

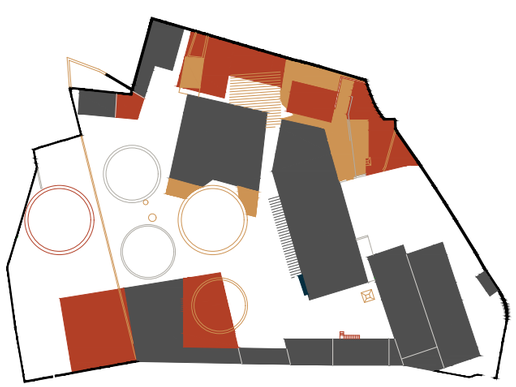


FIGURA 38 - PLANTA DE 1939



Ao longo do século XX, a Fábrica do Gás perdeu progressivamente a sua função[10], entrando num processo contínuo de abandono e degradação. A desmontagem dos gasómetros (figura 39), marcou a perda dos seus elementos mais emblemáticos e contribuiu para o apagamento gradual da sua presença na paisagem (figura 40). Já no início do século XXI surgiram propostas de reconversão do complexo para habitação, nomeadamente em 2002 e 2007[11], que nunca chegaram a concretizar-se. Ainda assim, este interesse pela fábrica provocou alterações significativas no conjunto, incluindo a remoção de coberturas, a reconfiguração da frente da Rua do Ouro e a demolição de vários volumes na zona poente (figura 41), contribuindo para a perda progressiva na Antiga Fábrica do Gás (figura 42).



FIGURA 40 - ESTRUTURA DA FÁBRICA

2002



2007

FIGURA 42 - VISTA DO VALE DO OURO APARTIR DE GAIA

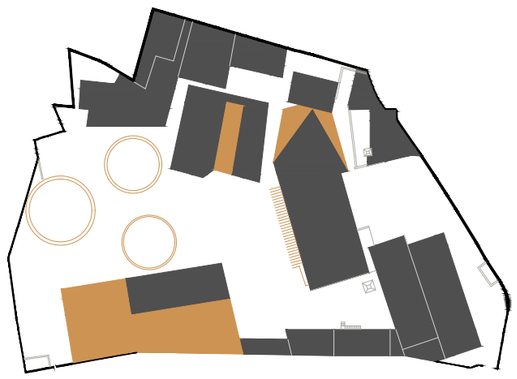


FIGURA 39 - PLANTA DE 1960

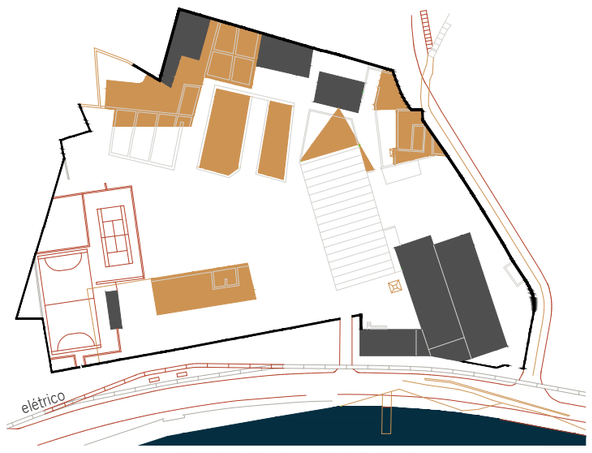


FIGURA 41 - PLANTA DE 2003

Atualmente, subsistem apenas três volumes principais do antigo complexo: a antiga entrada da fábrica, a sala dos fornos e o edifício da Sociedade de Energia Elétrica (figura 43).

Estes volumes organizam-se em torno de um pátio semi-encerrado (figura 44), que funciona como elemento articulador do conjunto, permitindo o acesso à antiga entrada, ao edifício da Sociedade de Energia Elétrica e à antiga sala dos fornos.

A sala dos fornos (figura 45) apresenta-se como um edifício de nave única, cuja solução construtiva evoca a leveza e transparência de uma estufa. Já o edifício da Sociedade de Energia Elétrica divide-se em duas naves distintas: uma destinada à antiga sala das máquinas (figura 46), desenvolvida num único piso, e outra correspondente à sala das caldeiras (figura 47), organizada em dois pisos[12].

Apesar do avançado estado de degradação, os edifícios preservam ainda características essenciais da materialidade original do complexo, nomeadamente as estruturas em tijolo rebocado, as treliças metálicas das coberturas e diversos elementos construtivos em pedra (figura 48). Mais do que simples ruínas, estes testemunhos constituem um suporte físico e histórico capaz de orientar novas formas de ocupação.

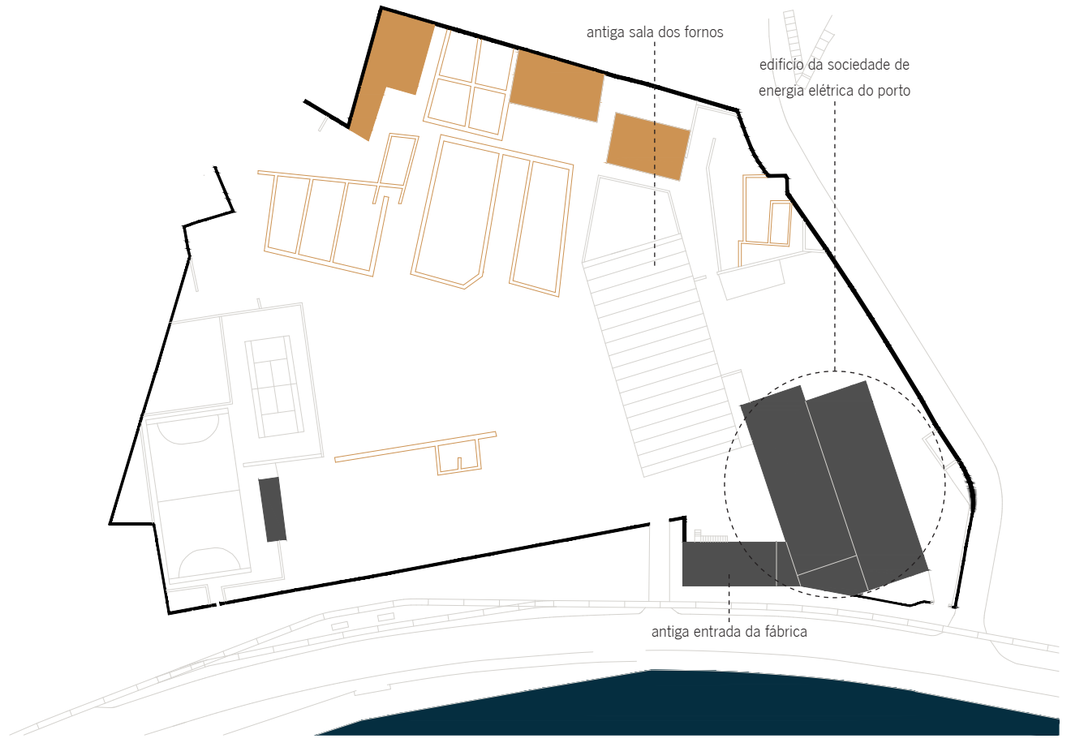


FIGURA 43 - PLANTA DE 2026

muro de propriedade da fábrica | edificado | armazéns | adicionado | demolido | 0 25 50 75 100M

0 15 30 45 60M

10 - Porto Arc. (2016). Companhia do gás e companhia de luz

11 - Arquivo Municipal (consultado em 2026)

12 - Miranda, F. O. (2016), Centro contemporâneo de arquitectura: Reabilitação da antiga Fábrica do Ouro, FAUP.



FIGURA 44 - VISTA DO PÁTIO, 2016



FIGURA 45 - SALA DOS FORNOS, 2016



FIGURA 46 - SALA DAS MÁQUINAS, 2016

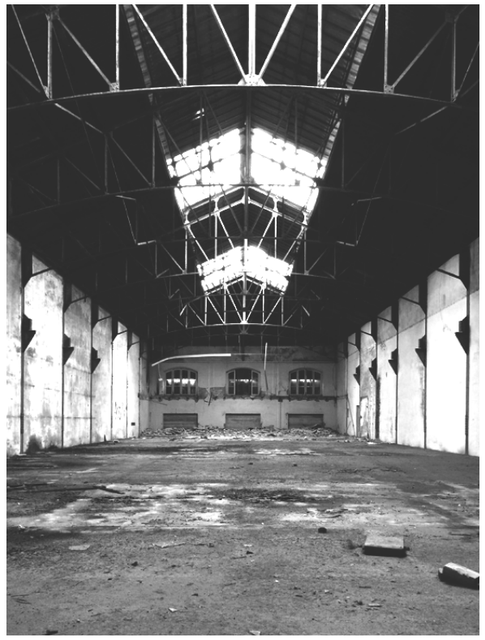


FIGURA 47 - EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS, 2016

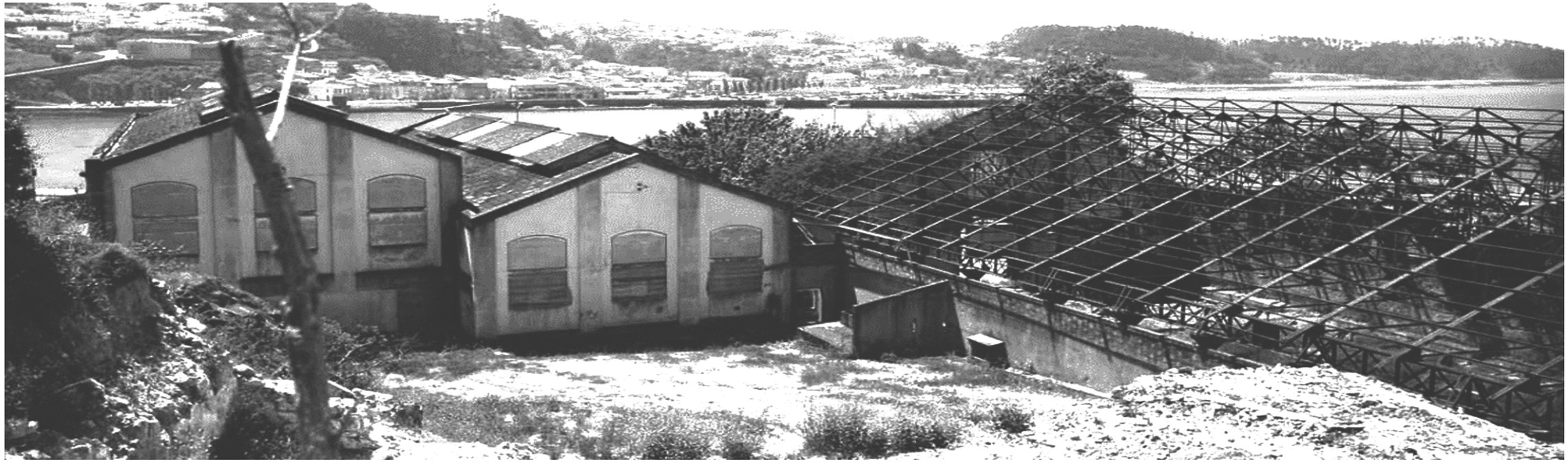


FIGURA 48 - VISTA EXTERIOR NORTE , 2022

FIGURAS 44, 45, 46 e 47 - AUTORIA DE FERNANDO DE OLIVEIRA MIRANDA, 2016
FIGURA 48 - AUTORIA DE ANA MARGARIDA DA ROCHA PEREIRA VAZ, 2024



HABITAR NO VALE ATRAVÉS DA ANTIGA FÁBRICA DO GÁS

A permanência dos vestígios da antiga Fábrica do Gás ultrapassa uma dimensão meramente patrimonial ou estética. As estruturas remanescentes constituem uma infraestrutura física e espacial capaz de acolher novos usos, preservando simultaneamente a memória do lugar. Neste sentido, a proposta parte do reconhecimento da pré-existência como elemento ativo de projeto, procurando trabalhar com aquilo que permanece, compreendendo a sua lógica construtiva, espacial e territorial, e explorando a forma como novas intervenções poderão complementar e reinterpretar o existente (figura 49).

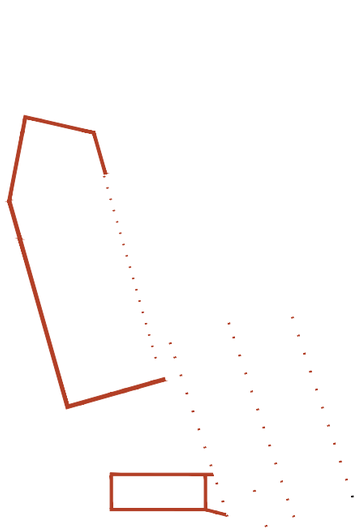
O intuito não é reconstruir o que fora a fábrica, mas sim reativar a sua estrutura através de uma nova ocupação, capaz de estabelecer continuidade entre passado e presente. A memória industrial deixará, assim, de ser entendida como ruína residual para assumir um papel estruturador na transformação do território.

É neste contexto que surge a proposta de reabilitação da Fábrica do Gás para habitação coletiva. A introdução de habitação procura responder não apenas à pressão habitacional existente em Lordelo do Ouro, mas também à necessidade de devolver uso, permanência e vida quotidiana ao Vale do Ouro. A posição estratégica da fábrica, entre a cidade e o rio, confere-lhe a capacidade de funcionar como elemento de reconexão num território atualmente marcado pela fragmentação.

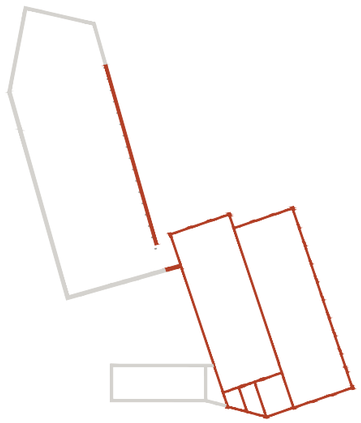
Ao optar pela reutilização do conjunto existente, evita-se uma lógica de substituição total que apagaria a memória industrial do lugar. A fábrica, que no passado desempenhou um papel estruturante no desenvolvimento do vale, poderá voltar a assumir essa condição através de um novo programa ligado ao habitar e à vida coletiva. A habitação surge, assim, não como um fim em si mesmo, mas como instrumento de reativação territorial, capaz de apoiar o funcionamento do parque, estimular a apropriação contínua do espaço e reforçar a relação entre a freguesia, a paisagem e o rio.

Para isso, será fundamental compreender a lógica construtiva (figura 50) da fábrica e a forma como esta poderá acolher a integração da habitação. O intuito será de tirar proveito das estruturas existentes, reinterpretando naves, compartimentos e pátios enquanto suporte de ocupação residencial. A proposta procurará tirar partido das estruturas existentes, reinterpretando naves, compartimentos e pátios como suporte para a ocupação residencial (figura 51). Elementos já presentes no edifício, como vãos atualmente encerrados, serão reabertos e reintegrados como parte da nova relação entre interior e exterior. Em vez de introduzir um objeto autónomo e desligado do contexto, a habitação desenvolver-se-á a partir da lógica espacial da própria fábrica (figura 52), preservando a sua escala, materialidade e continuidade.

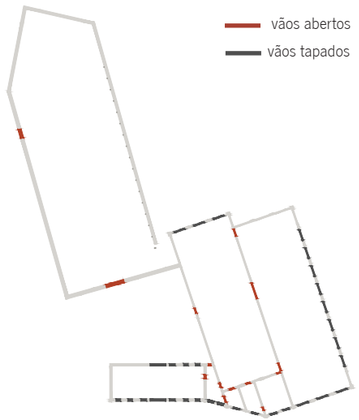
FIGURA 49 - ATIVAÇÃO DA FÁBRICA



ESTRUTURA



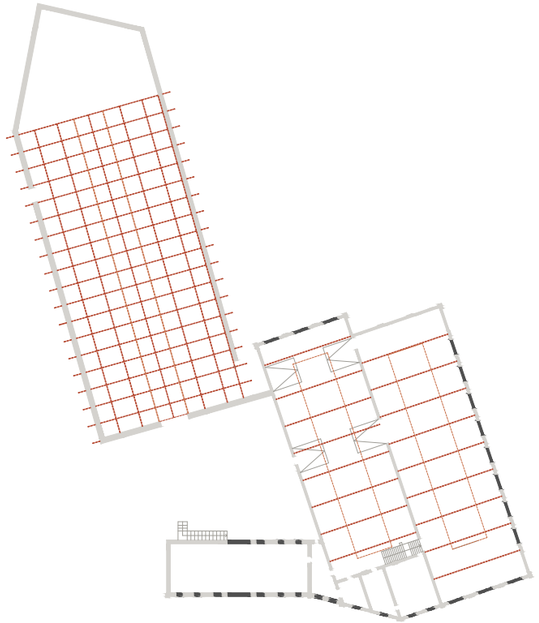
PAREDES DE ALVENARIA



VÃOS



ACESSOS



ESTRUTURA DA COBERTURA

FIGURA 50 - DESCONSTRUÇÃO CONSTRUTIVA DA FÁBRICA



FIGURA 51 - RELAÇÃO DO PÁTIO COM A FÁBRICA

0 10 20 30 40M



FIGURA 52 - SISTEMA DE ILUMINAÇÃO DAS COBERTURAS

0 5 10 15 20M

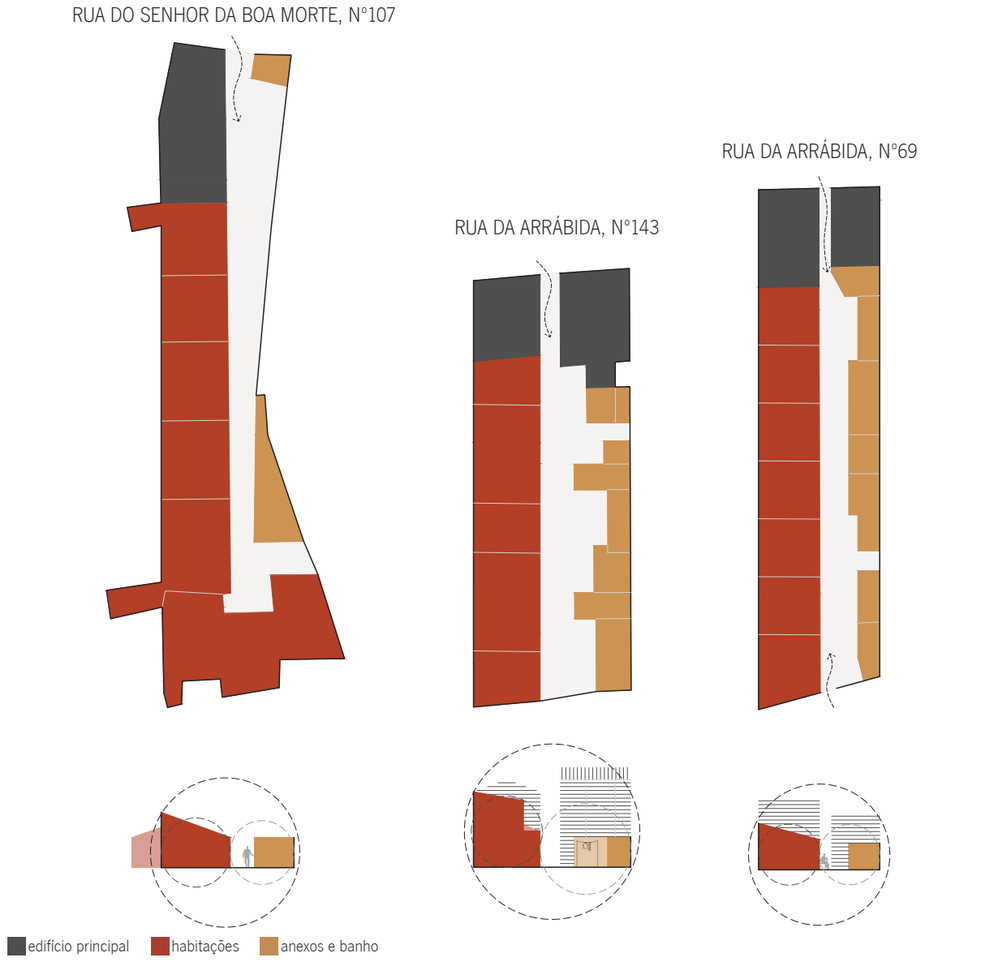


FIGURA 53 - CONFIGURAÇÃO DE ALGUMAS DAS ILHAS NA ENVOLVENTE

MODELO DE HABITAÇÃO

A reativação da Fábrica integrará um programa habitacional orientado para responder às necessidades contemporâneas de permanência urbana, acessibilidade e diversidade de modos de habitar. A proposta parte da observação de formas de habitação coletiva presentes em Lordelo do Ouro, nomeadamente as ilhas e os bairros municipais, reconhecendo nestes modelos uma forte relação entre espaço privado, semi-privado e coletivo.

Nas ilhas existentes na envolvente, esta organização torna-se particularmente evidente. A partir da rua principal, um corredor estreito conduz a um espaço intermédio de carácter semi-privado, em torno do qual se distribuem as habitações (figura 53). É precisamente neste espaço partilhado que se desenvolve grande parte da vivência quotidiana e das relações de proximidade entre habitantes. Uma lógica semelhante pode ser observada nos bairros municipais, organizados através de espaços centrais comuns que estruturam os acessos às habitações e funcionam como lugares de encontro e convivência (figura 54).

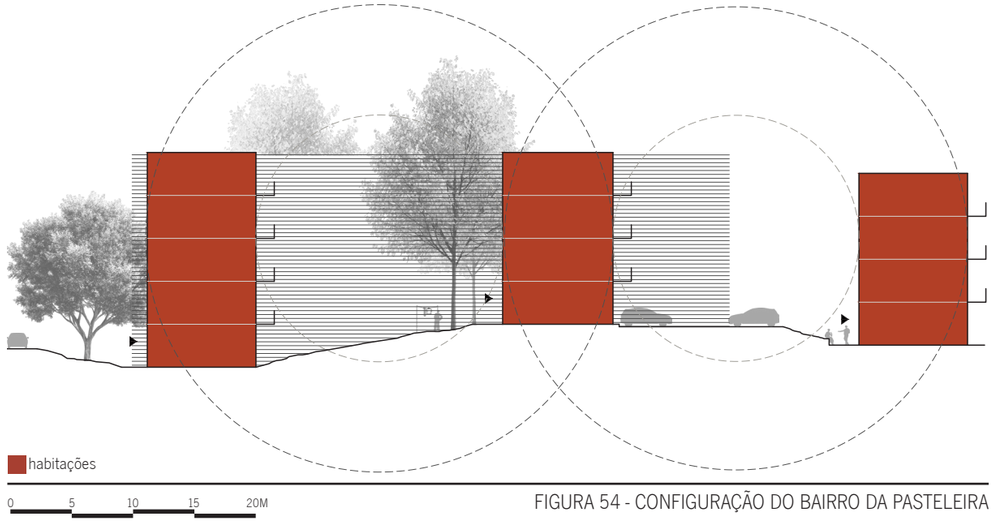


FIGURA 54 - CONFIGURAÇÃO DO BAIRRO DA PASTELEIRA

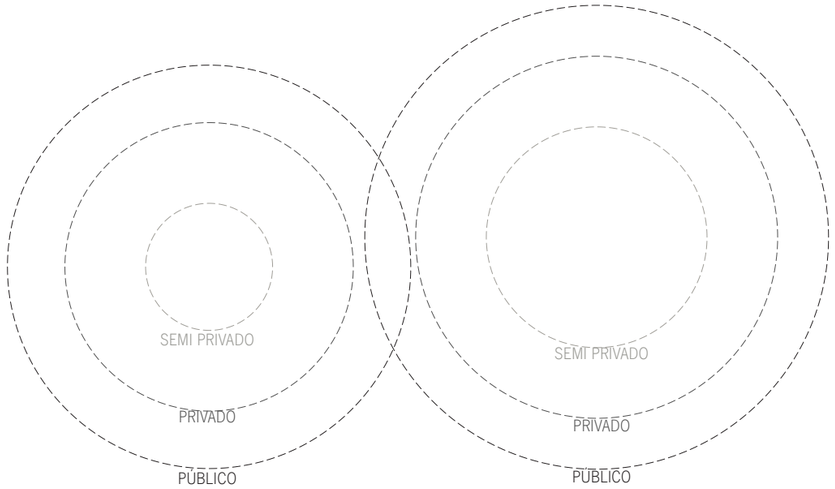


FIGURA 55 - LÓGICA DE RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS



FIGURA 56 - CONFIGURAÇÃO DAS HABITAÇÕES NA FÁBRICA

A proposta procurará reinterpretar estes princípios de proximidade, partilha e entreajuda, adaptando-os às necessidades contemporâneas do habitar (figura 55). Mais do que reproduzir modelos existentes, pretende-se compreender de que forma a relação entre habitação e espaço coletivo poderá voltar a assumir um papel estruturador da vida quotidiana (figura 56).

Assim, pretende-se realizar um modelo habitacional que privilegia a partilha e uso coletivo do espaço como estrutura do quotidiano. Procura-se entender, dentro do paradigma do habitar o que é intrinsecamente privado, o que necessita de ser individualizado, e o que pode ser partilhado, ou seja coletivo (figura 57).

Isto resultará numa célula habitacionais mais reduzida, onde o quotidiano não será vivido apenas dentro de casa, mas sobretudo na relação com os espaços coletivos dentro da fábrica. O objetivo principal, é que a vida doméstica deixe de se concentrar exclusivamente no interior da habitação, estendendo-se aos espaços partilhados, aos percursos e aos lugares de permanência coletiva, reforçando a relação entre comunidade.

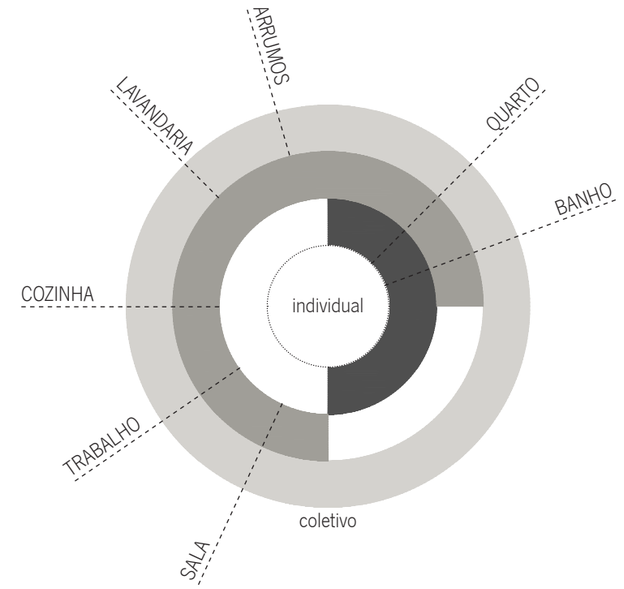


FIGURA 57 - CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS “TIPÍCOS” NA HABITAÇÃO

CONTINUIDADE ENTRE PAISAGEM, MEMÓRIA E COMUNIDADE

A estratégia assenta numa relação indissociável entre o parque, habitação, e a frente ribeirinha, entendidos não como elementos autónomos, mas como partes complementares de um mesmo sistema territorial. Mais do que ocupar o território, procura-se trabalhar a partir do existente, reconhecendo no passado do vale uma capacidade de articulação que poderá voltar a estruturar novas formas de uso e vivência coletiva.

Neste sentido, procurar-se reinterpretar elementos estruturantes da memória do lugar como suporte para responder a problemáticas atuais, nomeadamente a fragmentação do território e a falta de ligação entre a freguesia e o rio Douro. Pretende-se que esta ligação seja predominante, capaz de proporcionar uma nova dinâmica de convívio e uso para os habitantes.

É neste contexto que o tema das vidas comuns se afirma como elemento central da estratégia. O objetivo passa por criar condições para uma vivência mais coletiva do território, através da introdução de equipamentos que incentivem o encontro, a permanência e a apropriação quotidiana do espaço público (figura 58). Pretende-se que o quotidiano deixe de se limitar à esfera privada e se prolongue para os espaços exteriores do vale, transformando percursos, zonas de estar e áreas coletivas em lugares ativos da vida diária.

O parque funcionará, assim, como extensão do espaço habitado, não apenas das novas habitações integradas na antiga Fábrica do Gás, mas sobretudo das estruturas residenciais já existentes na envolvente. Habitar o Vale do Ouro deixará de corresponder apenas à ocupação de um edifício, passando a significar a participação num território contínuo, acessível e partilhado.

Deste modo, o Vale de Lordelo do Ouro deixará de ser entendido como espaço de rutura para se afirmar como território de continuidade, relação e permanência. A proposta procurará construir uma nova centralidade, não baseada na intensidade da construção, mas na qualidade das relações, usos e formas de convivência que o espaço será capaz de gerar.



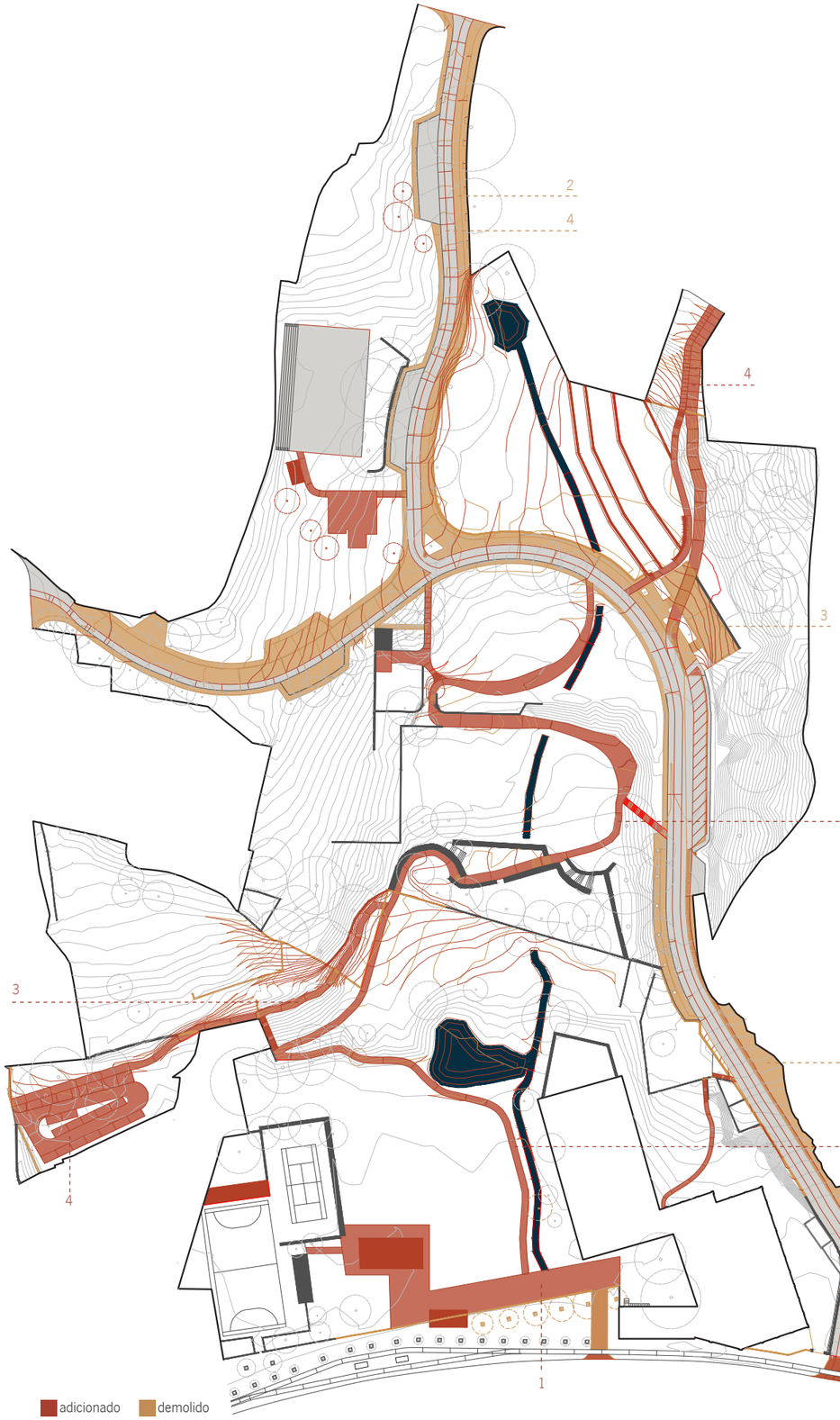
FIGURA 58 - ESPAÇO NA FRENTE DA FÁBRICA

CAPÍTULO III

REATIVAÇÃO DO VALE

FIGURA 59 - VALE DO OURO

FIGURA 60 - “PARQUE” ATUALMENTE





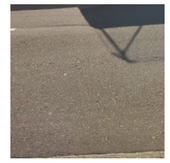
1 - PARALELO



2 -CUBOS DE GRANITO



3- LAJEADO DE GRANITO



4 - ASFALTO

FIGURA 61 - MODIFICAÇÕES NO VALE

PARQUE DO OURO - ESTRUTURA ECOLÓGICA E PERCURSOS

O desenho do parque desenvolve-se a partir da leitura das condições já existentes no Vale do Ouro (figura 59). Mais do que impor uma nova organização ao território, procura-se trabalhar com os elementos que permanecem - a topografia, os vestígios das antigas infraestruturas, os percursos informais, a vegetação espontânea e a relação interrompida com a envolvente (figura 58).

A definição dos limites da intervenção surge a partir da relação entre o vale e a sua envolvente. O território encontra-se atualmente rodeado por áreas privadas usadas, sendo aí o ponto máximo de expansão do parque. De igual forma, na envolvente também se encontram terrenos abandonados, muitos deles com potencial para futuras reativações e integrações no sistema do parque.

A própria configuração do vale torna-se o ponto de partida da intervenção. As sucessivas transformações provocadas pelos processos de industrialização e urbanização alteraram profundamente a relação entre as diferentes cotas do território, deixando como resultado extensas plataformas planas e grandes taludes artificiais. Em vez de apagar estas marcas, trabalhou-se a partir delas, suavizando determinadas transições de modo a reforçar a continuidade entre as diferentes áreas do parque (figura 61). O objetivo não passa por uniformizar o terreno, mas por permitir que as várias camadas do território permaneçam legíveis e acessíveis (figura 62).

A recuperação parcial da antiga linha de água surge como consequência desta leitura do território. Parte do seu percurso é reaberto, criando um pequeno curso de água que atravessa o parque até desaguar no Douro, recuperando parcialmente a lógica natural que anteriormente organizava o vale. A presença da água deixa, assim, de ser apenas uma memória do território para passar a integrar o funcionamento do próprio parque. Junto à antiga Fábrica do Gás cria-se uma zona de lago que funciona simultaneamente como elemento paisagístico, bacia de retenção e reservatório para reutilização de águas pluviais na rega da zona inferior do parque. Na cota superior introduz-se igualmente um outro reservatório com funções semelhantes, contribuindo para uma gestão mais sustentável da água.

A vegetação espontânea existente é entendida como parte integrante da identidade atual do vale e não como um elemento a eliminar. As árvores já presentes no espaço são preservadas sempre que possível, funcionando como suporte para zonas de estadia, sombreamento natural e implantação de pequenos equipamentos. Nas situações em que é necessária a sua remoção, estas são replantadas noutras áreas do parque. As zonas arbóreas já consolidadas são usadas para os organizar espaços de encontro e pequenos equipamentos de apoio. A par com a vegetação, também é de interesse recuperar as características naturais do solo, atualmente compactado em várias zonas devido às sucessivas ocupações e processos construtivos, de forma a devolver uma continuidade ecológica no território.

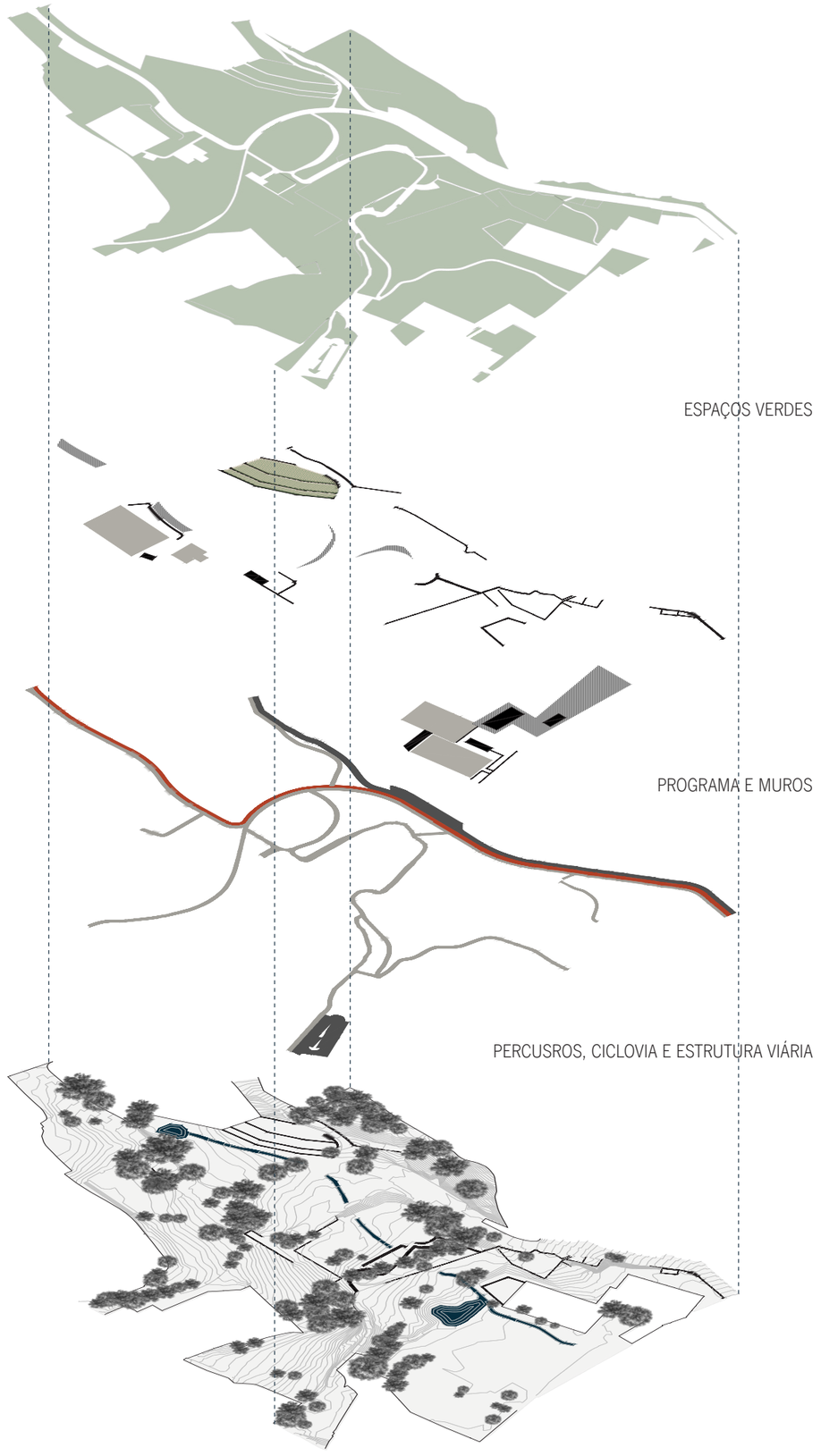


FIGURA 62 - AXONOMETRIA ESTRATIFICADA DA PROPOSTA

A reorganização das infraestruturas viárias revela-se determinante para a unificação do vale. A manutenção das vias automóveis que atualmente fragmentam o território mostra-se incompatível com a intenção de construir um parque contínuo. Neste sentido, as vias centrais são removidas do seu carácter viário, permanecendo apenas a rua localizada a nascente da antiga Fábrica do Gás, que é prolongada até à ligação com a rua situada a norte do vale. Esta passa a funcionar apenas num sentido, permitindo o acesso automóvel ascendente. A circulação descendente mantém-se pela rua a poente, tal como acontece atualmente. Desta forma, reduz-se a presença automóvel no interior do parque sem comprometer a acessibilidade da envolvente.

Os estacionamentos existentes são parcialmente reorganizados e redistribuídos, reduzindo a sua presença no interior do vale, criando-se uma zona a poente para acomodar o espaço de estacionamento parcial retirado na frente da ribeira.

Com a eliminação da circulação automóvel no centro do parque, os antigos percursos viários são convertidos em percursos pedonais. Parte da largura das antigas estradas é removida, mantendo-se apenas a faixa necessária à circulação acessível. Os novos percursos são desenhados acompanhando os declives naturais do terreno, permitindo ligações suaves entre as diferentes cotas e garantindo condições de acessibilidade. Estes são feitos de forma a conectar os novos pontos de entrada no vale, feitos sobretudo através de terrenos atualmente abandonados na envolvente, permitindo reforçar a permeabilidade do vale e a sua relação com os núcleos de habitação.

Paralelamente aos percursos pedonais, integra-se uma ciclovia ao longo do principal eixo de atravessamento do parque, permitindo estabelecer uma ligação transversal entre a frente do Douro e o interior da freguesia. Esta foi criada com o intuito de permitir mais facilmente a ligação transversal entre o centro da freguesia e a ribeira, que por sua vez já se encontra com uma via de carácter cicloviário.

A par da reutilização das vias viárias, os estacionamentos das mesmas também foram reaproveitados, para zonas de estar já que se encontravam na rua pedonal principal e em zonas perto de programa ou em sombreamento. Algumas das lajes e muros remanescentes são reinterpretados como base para pequenos serviços, espaços de atividade ou estruturas de apoio ao parque.

Grande parte do território permanece, no entanto, como espaço verde e permeável. A intenção não é preencher o parque com programas excessivos, mas permitir a renaturalização do vale e criar condições para uma apropriação mais livre e flexível do espaço. Em vez de determinar rigidamente a forma como cada área deve ser utilizada, a proposta procura oferecer espaços abertos à permanência, ao encontro e ao uso quotidiano, permitindo que os habitantes construam diferentes formas de viver e ocupar o território (figura 63, 64, 65 e 66).

1 - campo de jogos 2 - zona de apoio ao campo de jogos 3 - parque infantil 4 - hortas comunitárias 5 - café e instalações sanitárias
6 - campo de ténis 7 - balneáreos 8 - instalações sanitárias 9 - restaurante 10 - café curvas de nível (0.5m)

0 17.5 35 52.5 75M

FIGURA 63 - PROPOSTA DE RECONFIGURAÇÃO DO VALE



FIGURA 64 - SECÇÃO ATUAL DO VALE



FIGURA 65 - SECÇÃO COM AS MODIFICAÇÕES



FIGURA 66 - SECÇÃO DA PROPOSTA DO PARQUE

PROGRAMA E VIVÊNCIA

Considerando as transformações propostas para o parque, a quantidade de material existente no vale e a intenção de desenvolver uma intervenção mais consciente dos recursos disponíveis, o tema da reutilização torna-se evidente. O processo de transformação do território procura, assim, trabalhar a partir daquilo que já existe, reaproveitando materiais nas reconfigurações realizadas no local.

Neste contexto, o desmantelamento dos pavimentos existentes permite reutilizar os materiais removidos na construção dos novos percursos e infraestruturas do parque. O asfalto proveniente das antigas vias automóveis é reaproveitado nos novos percursos viários, enquanto os materiais retirados dos passeios existentes são reintegrados nos novos pavimentos pedonais.

A reutilização não se limita, contudo, aos materiais construtivos. A proposta procura também recuperar algumas das lógicas históricas de ocupação do território, reinterpretando-as de acordo com as necessidades atuais. Neste sentido, introduz-se uma zona de hortas comunitárias, retomando simbolicamente o passado agrícola do vale e respondendo à progressiva perda de espaços de cultivo na freguesia.

Algumas das estruturas e usos já presentes no território são igualmente mantidos e integrados na proposta. Os campos de jogos existentes, tanto junto à frente ribeirinha como na zona norte do vale, permanecem como espaços ativos de utilização coletiva, reforçando a continuidade de práticas já apropriadas pelos habitantes no tempo das Torres do Aleixo. Junto ao campo localizado a norte introduz-se ainda um parque infantil e pequenas estruturas de apoio, procurando ampliar a diversidade de usos e a permanência no espaço público.

A maior estrutura integrada no parque corresponde à pala localizada na nova entrada junto à frente ribeirinha. O seu desenho parte da reinterpretação da antiga cobertura da Fábrica do Gás que anteriormente ocupava esta frente. Esta surge, assim, como uma estrutura leve, marcada pela repetição de elementos metálicos e pela geometria do telhado de duas águas, reinterpretando a linguagem industrial da antiga fábrica.

Mais do que um simples elemento de passagem ou cobertura, a pala é pensada como um espaço ativo do quotidiano do parque e da frente ribeirinha. A integração de um café e restaurante procura prolongar a lógica de serviços já presente ao longo da margem do Douro, contribuindo para intensificar o uso contínuo deste ponto de entrada no vale (figura 67).

A amplitude e flexibilidade do espaço coberto permitem ainda acolher diferentes formas de apropriação coletiva. Para além da utilização diária, prevê-se a possibilidade de funcionamento de mercados temporários e feiras até atividades informais e eventos ocasionais, capazes de reforçar a atratividade do parque e incentivar novas dinâmicas de encontro e permanência.

Deste modo, a pala deixa de funcionar apenas como elemento arquitetónico, assumindo-se como ponto de transição entre a cidade, o parque e o rio, recuperando simbolicamente a presença da antiga fábrica na frente ribeirinha.

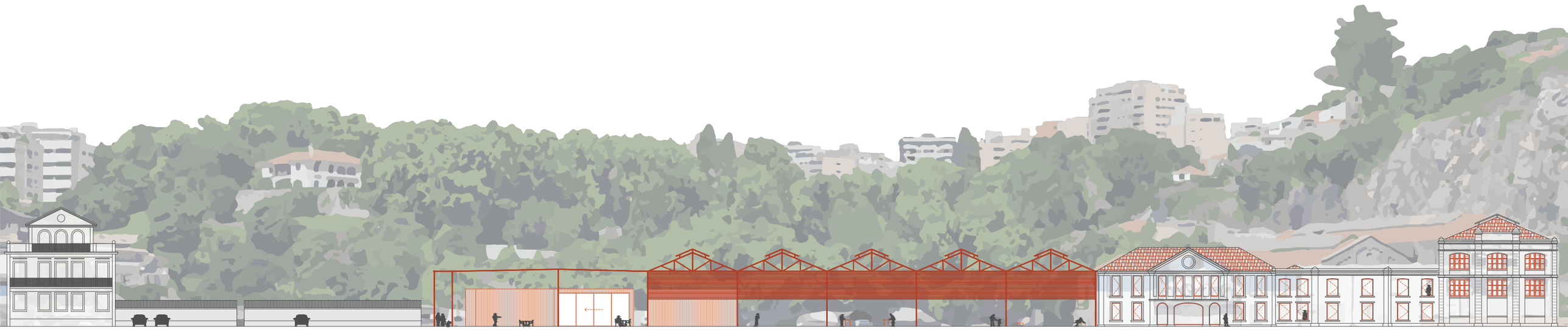


FIGURA 67 - PROPOSTA DE ALÇADO DA FRENTE RIBEIRINHA

ORGANIZAÇÃO DA FÁBRICA

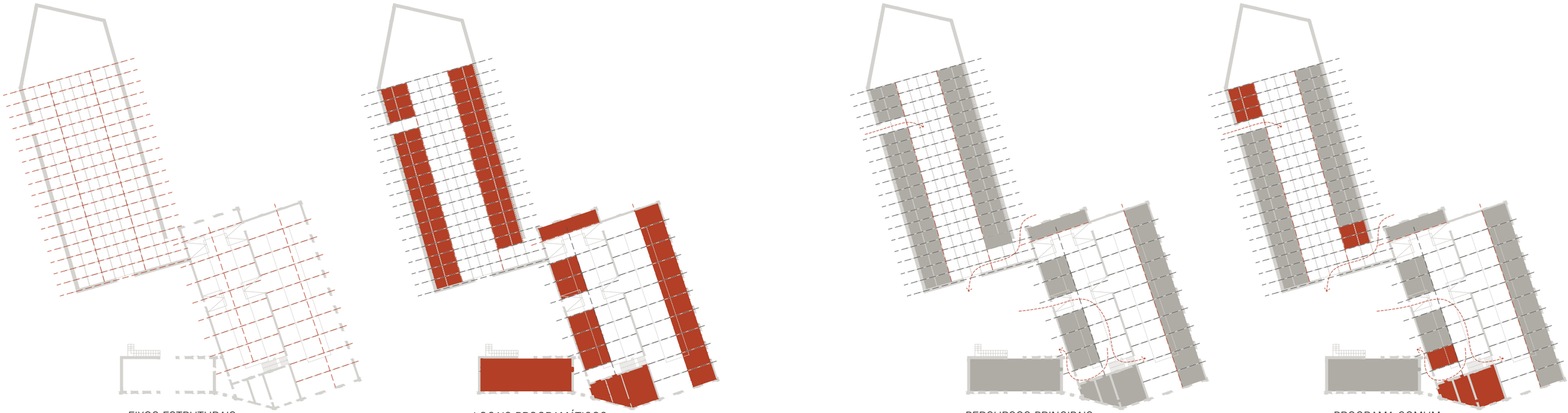


FIGURA 68 - ESQUEMA DA ORGANIZAÇÃO DA FÁBRICA

A fábrica estabelece uma relação muito próxima com o parque através do pátio de ligação entre os diferentes volumes existentes da fábrica. Isto torna-se o principal ponto de contacto funcionando como principal espaço de transição entre o domínio público do parque e o interior mais habitado da fábrica. Este pátio torna-se, assim, o principal lugar de encontro e circulação, articulando os acessos às diferentes áreas habitacionais e programáticas (figura 68).

A segunda entrada localiza-se a nascente, numa zona mais resguardada entre os edifícios da fábrica e a encosta existente. Este lado assume um carácter mais privado e de apoio ao quotidiano dos habitantes, integrando zonas de estacionamento exterior e no piso térreo de um dos volumes da fábrica (figura 69).

A definição da nova ocupação organizou-se a partir da estrutura existente, quer das paredes ainda existente, dos pilares existentes, quer da estrutura metálica da cobertura. Estas serviram de guia para a colocação da nova construção e definição de programa.

A implantação das habitações tira partido das fachadas em contacto com o exterior, uma vez que estas já possuíam vãos ou permitiam a abertura de novos. As unidades habitacionais organizam-se, assim, ao longo dos limites do edifício, libertando o centro para espaços de circulação, encontro e utilização coletiva. Esta estratégia permite manter a amplitude espacial original das naves industriais e reforçar a relação entre as habitações e o espaço comum central (figura 70), possibilitando a criação de 36 fogos habitacionais (30 duplex e 6 de piso único).

Esta organização permite tirar partido das coberturas originais da fábrica, marcadas pela geometria em duas águas e pelas treliças metálicas aparentes. Estas permitem recolocação envidraçados, possibilitando a entrada de luz natural, contribuindo simultaneamente para a ventilação e climatização do espaço central (figura 71). Os edifícios passam, assim, a assumir um carácter próximo de uma estufa, onde a luz desempenha um papel fundamental na definição da atmosfera interior. Esta lógica torna-se particularmente evidente na antiga sala dos fornos, onde se procura tirar partido do atual estado de abandono, preservando a vegetação espontânea como elemento central do espaço (figura 72).

Este interior é complementado pela criação de galerias associadas ao piso superior das habitações. Estas permitem fazer uma aproximação dos habitantes da estrutura metálica aparente da cobertura e permitem estabelecer uma relação mais direta com a amplitude do espaço central da fábrica. Simultaneamente, a introdução destas galerias cria pequenos recuos no piso inferior das habitações, gerando zonas intermédias de carácter semiprivado que funcionam como extensão do espaço doméstico dentro da lógica coletiva.

A localização das habitações acaba por definir a organização do restante programa. Procurando reforçar a dimensão coletiva do quotidiano, distribuem-se ao longo da fábrica espaços partilhados como cozinhas, zonas de estar, lavandarias e áreas de arrumos comunitários. Estes espaços localizam-se próximos das habitações e em contacto com as zonas de circulação, incentivando a utilização quotidiana dos espaços comuns. As áreas de geometria mais irregular resultantes da pré-existência são aproveitadas também para acolher estes programas de apoio, bem como acessos.

0 4 8 12 16M

FIGURA 69 - PLANTA DE RÉS DE CHÃO DA FÁBRICA COM O PARQUE

adicionado demolido habitações (duplex) habitações (piso único) programa coletivo

1 - cozinha comum
2 - sala comum
3 - arrumos
4 - lavandaria
5 - estacionamento

0 4 8 12 16M

FIGURA 70 - PLANTA DO PISO 1 DA FÁBRICA

adicionado demolido habitações (duplex) habitações (piso único) programa coletivo

1 - cozinha comum
2 - sala comum
3 - arrumos
4 - lavandaria



adicionado demolido 1 - habitações (duplex)

FIGURA 71 - SECÇÃO PELO EDIFICIO DE ENERGIA ELÉTRICA[13]

0 2.5 5 7.5 10M

13 - fotografia do alçado da sala dos fornos de Fernando Miranda, retirada de *Centro Contemporâneo de Arquitetura – Reabilitação da Antiga Fábrica do Ouro (2016)*, posteriormente expandida através de inteligência artificial; fotografia original disponível em anexo.



adicionado demolido 1 - habitações (duplex)

0 2.5 5 7.5 10M

FIGURA 72 - SECÇÃO PELA SALA DOS FORNOS[14]

14 - fotografia da sala dos fornos de Fernando Miranda, retirada de *Centro Contemporâneo de Arquitetura – Reabilitação da Antiga Fábrica do Ouro (2016)*

MATERIALIDADE E HABITAÇÃO

A definição das unidades habitacionais parte da compreensão das possibilidades construtivas oferecidas pela estrutura existente, sobretudo no que diz respeito à abertura de vãos e à adaptação das fachadas. A sala dos fornos apresenta particular interesse neste processo, por revelar de forma evidente as sucessivas transformações sofridas ao longo do tempo. O edifício combina um embasamento em pedra com cerca de 3,3 metros de altura e uma parte superior em tijolo, responsável pelo suporte da estrutura metálica da cobertura (figura 73).



FIGURA 73 - ALÇADO ATUAL DA SALA DOS FORNOS[15]

15 - fotografia do alçado da sala dos fornos de Zontimedia, obtida apartir do google maps, posteriormente corrigida a perspetiva com recurso de inteligência artificial; fotografia original disponível em anexo.

Esta composição condiciona diretamente a abertura de novos vãos. Enquanto o embasamento em pedra não permite modificações, a parte superior em tijolo possibilita a introdução de novas aberturas, aproveitando a existência de travamentos metálicos já integrados na estrutura original (figura 74). A proposta procura, deste modo, intervir de forma contida sobre o existente, utilizando as possibilidades oferecidas pela própria construção em vez de impor alterações excessivas à materialidade da fábrica.

Em termos materiais, pretende-se preservar a expressão exterior do conjunto, mantendo as fachadas existentes visíveis e introduzindo as novas camadas construtivas no interior. A nova intervenção é concebida através de uma estrutura leve e desmontável, em continuidade com os princípios de reutilização e adaptação presentes ao longo do projeto. Neste sentido, introduz-se um novo esqueleto metálico que suporta as unidades habitacionais, reforçando a lógica industrial já presente na fábrica e permitindo futuras transformações, desmontagens ou substituições de elementos construtivos.



FIGURA 74 - ALÇADO PROPOSTO PARA A SALA DOS FORNOS[15]

A construção procura reduzir o número de camadas e materiais utilizados, evitando soluções excessivamente pesadas ou definitivas (figura 75). Os interiores são revestidos a contraplacado de bétula, deixando parte da estrutura metálica aparente. No piso térreo utiliza-se betonilha como acabamento contínuo, enquanto o piso superior recorre novamente à madeira, reforçando uma materialidade mais leve e quente associada ao espaço doméstico.

Na cobertura opta-se por um isolamento realizado pelo exterior, permitindo manter as treliças metálicas visíveis no interior das habitações e preservando a leitura espacial da antiga estrutura industrial. As janelas do piso superior são posicionadas junto aos travamentos metálicos existentes, reduzindo o impacto da nova intervenção sobre a fachada e reforçando a integração entre estrutura antiga e nova ocupação.

A organização interna das habitações resulta igualmente das condicionantes impostas pela pré-existência. Como a abertura de vãos se concentra sobretudo no piso superior, este passa a acolher os espaços mais privados da habitação, nomeadamente os quartos, enquanto o piso inferior assume um carácter mais social e se relaciona diretamente com o espaço coletivo central da fábrica.

1 - telha lusitana
2 - painel sandwich (com poliestireno extrudido)
3 - contraplacado de bétula
4 - painel de fibrocimento
5 - caixa técnica (instalações + lã mineral)
6 - poliestireno extrudido
7 - betonilha com acabamento polido
8 - barreira para-vapor
9 - tela impermeabilizante
10 - tela pitonada
11 - geotêxtil
12 - gravilha
13 - dreno
14 - brita

0 0.4 0.8 1.2 1.6M

FIGURA 75 - PORMENOR CONSTRUTIVO DA FACHADA POENTE DA SALA DOS FORNOS

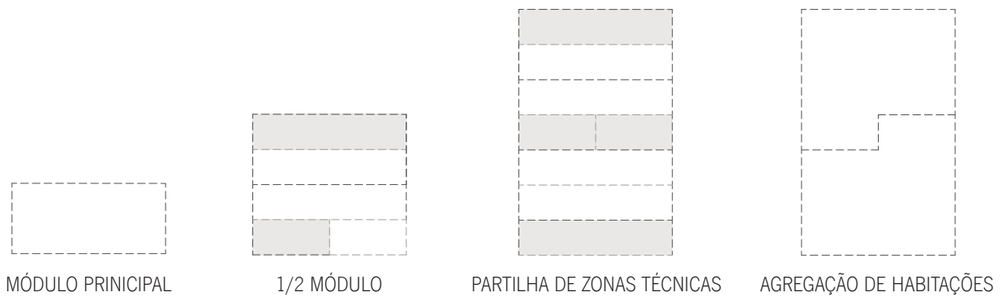


FIGURA 76 - MÓDULO DE HABITAÇÃO

A estrutura metálica existente torna-se também a base para a definição do módulo habitacional. Cada treliça apresenta aproximadamente 2,8 metros de eixo a eixo, permitindo utilizar esta métrica como sistema organizador da habitação. Com isto, utiliza-se uma métrica de 3,5 módulos para definir duas unidades habitacionais, posteriormente espelhadas entre si de forma a integrar-se de modo mais contínuo e coerente na lógica espacial e construtiva da fábrica (figura 76).

A distribuição interna organiza as zonas técnicas nas laterais das habitações, libertando o centro para usos mais flexíveis, evidente no piso de rés de chão. Este, por não possuir janelas para o exterior, tira proveito de uma maior relação com a área coletiva da fábrica (figura 77).

No piso superior integra-se um quarto principal e uma alcova, pensada para poder funcionar como segundo quarto ou assumir outras utilizações ao longo do tempo. Todo este piso é complementado por uma galeria voltada para o espaço coletivo central, funcionando simultaneamente como circulação, varanda e extensão exterior da habitação (figura 78).

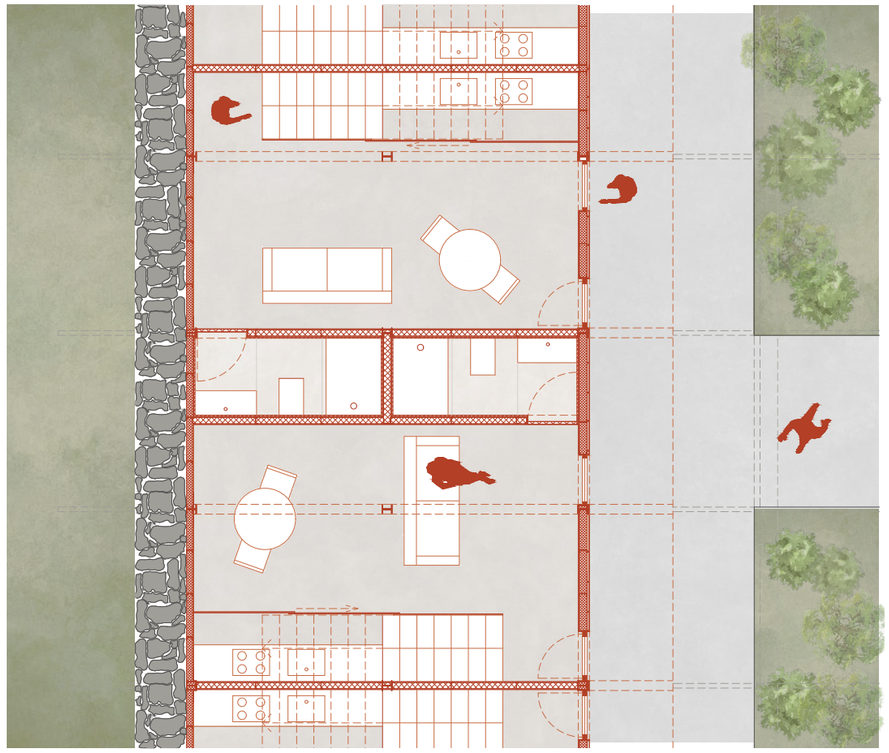


FIGURA 77 - AGREGAÇÃO DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO (PISO 1)



FIGURA 78 - AGREGAÇÃO DAS UNIDADES DE HABITAÇÃO (PISO 2)

NOTA CONCLUSIVA

Mais do que propor uma solução definitiva para o Vale do Ouro, o projeto procura abrir possibilidades para repensar a forma como habitamos, transformamos e nos relacionamos com o território. Perante um contexto urbano frequentemente marcado pela fragmentação, pela especialização funcional e pela substituição contínua do existente, a proposta procura demonstrar que a reativação de um lugar poderá surgir não através da ocupação intensiva, mas da capacidade de reconstruir relações entre paisagem, memória e vida coletiva.

A reutilização da antiga Fábrica do Gás, a valorização da estrutura ecológica do vale e a criação de um parque público contínuo procuram afirmar uma lógica de intervenção baseada na continuidade, na adaptação e na permanência. Neste sentido, o projeto não entende o território como superfície vazia disponível para nova construção, mas como um sistema já carregado de memória, infraestruturas, materialidades e formas de uso que poderão voltar a adquirir significado através de novas apropriações (figura 79).

A proposta procura também reforçar a dimensão coletiva do quotidiano, valorizando formas de habitar mais próximas da partilha, da permanência e da relação entre habitantes. Ao prolongar o quotidiano para os espaços comuns, para o parque e para as áreas partilhadas da antiga fábrica, pretende-se criar condições para que a vida coletiva volte a assumir um papel ativo na construção do território

Mais do que recuperar um vazio urbano, pretende-se reconectar o Vale do Ouro com a freguesia, com o rio e com a memória do próprio lugar. Assim, o vale deixa de ser entendido como espaço residual ou território interrompido para voltar a assumir-se como estrutura de continuidade, capaz de gerar novas formas de permanência, convivência e relação entre cidade e paisagem.

FIGURA 79 - VISTA DO ALTO DA ARRÁBIDA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PUBLICAÇÕES

A Cidade 25 anos depois: O comércio e a reestruturação urbana do Porto. (1998).

A Câmara Municipal do Porto e a construção do espaço urbano da cidade (1820–1865). (1998).

Câmara Municipal do Porto. (2025). Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro: Programa Estratégico de Reabilitação Urbana (PERU).

Câmara Municipal do Porto. (2025). Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro: Relatório de Diagnóstico e Estratégia Territorial.

Câmara Municipal do Porto. (2025). Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro: Relatório de Ponderação da Discussão Pública.

Câmara Municipal do Porto. (2025). Plano Diretor Municipal – Regulamento.

Saito, Kohei. Slow down: The degrowth manifesto.

The pedagogies of re-use: The international school of re-construction.

Vázquez, Isabel Breda, & Conceição, Paulo (2015). 'Ilhas' do Porto: Levantamento e caracterização.

TRABALHOS ACADÉMICOS

Lino, Ana Isabel Barbosa. (2024). (Des)continuidades na paisagem ribeirinha: Indústria, ruína, transformação (Vol. I). FAUP.

Miranda, Fernando de Oliveira. (2016). Centro contemporâneo de arquitectura: Reabilitação da antiga Fábrica do Ouro. FAUP.

Oliveira, Amanda Ticon Maia. (2023). Avaliação de documentação acumulada: Um estudo de caso no Arquivo Histórico Municipal do Porto. Universidade do Porto.

Pereira, Joana Martins, & Nobre, Ana Luiza. "Ilhas" do Porto: Permanência e transformação.

Vaz, Ana Margarida da Rocha Pereira. (2024). A reinserção urbana da Fábrica do Gás do Porto. FAUP.

ARQUIVOS E CARTOGRAFIA

Arquivo Municipal do Porto.

Bonfim Barreiros. (1940). Planta do Porto. Portal Geo – Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas

Câmara Municipal do Porto. (1979). Carto-imagem do Porto. Portal Geo – Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas

O Tripeiro. Documentação consultada no Arquivo Histórico Municipal do Porto (Casa do Infante).

Telles Ferreira. (1892). Planta do Porto. Portal Geo – Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas

PÁGINAS DA INTERNET E ARTIGOS ELETRÓNICOS

Câmara Municipal do Porto. Carta Educativa e Equipamentos Municipais. https://geopdm.cm-porto.pt/po1b_ceem

Câmara Municipal do Porto. PDM 2021 – Dendrograma. https://geopdm.cm-porto.pt/dendrograma/pdm2021

Câmara Municipal do Porto. Power BI – Dados Urbanos e Territoriais. https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDBkZWE4ZGItOTlhNC00NzU3LWE1ZmQtYmMwOTVmYjA0MGQwIiwidCI6IjQxYzE0MzY0LWE0MmQtNGE0ZC05ZDhjLTZlNjkyZTU3NTBjMCIsImMiOjh9

Câmara Municipal do Porto. UOPG 5 Aleixo. https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/pt/-/uopg-5-aleixo

Conceição, Américo, & Gomes, Simão. (2025). Iluminação pública e Companhia do Gás. Porto de Antanho. https://portodeantanho.blogspot.com/2025/06/25279-iluminacao-publica-e-companhia-do.html

Cordeiro, José Manuel Lopes. (2001). Uma arquitectura de ouro. Público. https://www.publico.pt/2001/04/29/jornal/uma-arquitectura-de-ouro-157186

Domus Social. Ilhas do Porto. https://www.domussocial.pt/ilhas

José, Maria, & Cunha, Rui. (2016). Companhia do gás e companhia de luz. Porto, de Agostinho Rebelo da Costa aos Nossos Dias. https://portoarc.blogspot.com/2016/07/companhia-do-gas-e-companhia-de-luz.html

Público. (2025). Cinco torres, cinco décadas: O Aleixo não se deixa esquecer. https://www.publico.pt/2025/05/30/p3/fotogaleria/cinco-torres-cinco-decadas-aleixo-nao-se-deixa-esquecer-413773

União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos. Caracterização da freguesia. https://www.uf-lordeloouromassarelos.pt/freguesia/caracterizacao

CRÉDITO DE FIGURAS

FIGURA 1 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 2 – autoria própria sobre base do Google Earth

FIGURA 3, 4, 5, 6 e 7 – autoria própria

FIGURA 8 – autoria própria sobre base do Google Earth

FIGURA 9 – desenho de autoria própria, desenvolvido com base na análise do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir dos dados do site da Domus Social e do documento *"Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro - Relatório de Diagnóstico e Estratégia Territorial – março de 2025"*

FIGURA 10 - desenho de autoria própria, desenvolvido com base na análise do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir do documento *"Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro - Relatório de Diagnóstico e Estratégia Territorial – março de 2025"*

FIGURA 11 – desenho de autoria própria, desenvolvido com base na análise do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir dos dados do site Geopdm e do documento *"Operação de Reabilitação Urbana – Lordelo do Ouro - Relatório de Diagnóstico e Estratégia Territorial – março de 2025"*

FIGURA 12 – autoria própria

FIGURA 13 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 14 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir da

"Planta do Porto" de Telles Ferreira (1892), consultada no Portal Geo – Mapas do Porto | Cartas Históricas

FIGURA 15 – autoria própria, a partir da "Planta do Porto" de Bonfim Barreiros (1940), consultada no Portal Geo – Mapas do Porto - Cartas Históricas

FIGURA 16 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir da "Carto-Imagem do Porto" (1979), consultada no Portal GeoPDM do Porto

FIGURA 17, 18, 19, 20, 21 e 22 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 23– desenho de autoria própria, desenvolvido com base na análise do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir do documento *"Plano Diretor Municipal – Regulamento – Porto – 2025"*

FIGURA 24 – desenho de autoria própria, desenvolvido com base na análise do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo), a partir dos dados do site do Portal do Município – UOPG 5 - Aleixo

FIGURA 25 - autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 26 e 27 – autoria própria

FIGURA 28 e 29 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 30, 31 e 32 – autoria própria

FIGURA 33 – autoria própria, com base na documentação consultada no Arquivo Municipal do Porto (fornecida em 2025)

FIGURA 34 – autoria própria, com base na "Planta do Porto" de Telles Ferreira (1892), consultada no Portal Geo – Mapas do Porto - Cartas Históricas

FIGURA 35 – imagem do Arquivo Municipal do Porto, consultada através da plataforma GISA

FIGURA 36 – autoria própria, com base na documentação consultada no Arquivo Municipal do Porto (fornecida em 2025) e em Lino, *"(Des)continuidades na paisagem ribeirinha: Indústria, ruína, transformação - 2024"*

FIGURA 37 – imagem do Arquivo Municipal do Porto, consultada através da plataforma GISA

FIGURA 38 – autoria própria, com base na documentação consultada no Arquivo Municipal do Porto (fornecida em 2025) e em Oliveira *"Avaliação de documentação acumulada: Um estudo de caso no Arquivo Histórico Municipal do Porto – 2023"*

FIGURA 39 – de autoria própria, com base na documentação consultada no Arquivo Municipal do Porto (fornecida em 2025) e em José, Maria e Cunha, *"Companhia do gás e companhia de luz - 2016"*

FIGURA 40 – imagem do Arquivo Municipal do Porto (consulta presencial realizada em março de 2026)

FIGURA 41 – autoria própria, com base nos registos do Arquivo Municipal do Porto (consulta presencial realizada em março de 2026)

FIGURA 42 – imagem do Arquivo Municipal do Porto (consulta presencial realizada em março de 2026)

FIGURA 43 – autoria própria, a partir do Google Earth

FIGURA 44, 45, 46 e 47 – imagens de Fernando de Oliveira Miranda, Centro Contemporâneo de Arquitectura - Reabilitação da antiga Fábrica do Ouro, 2016

FIGURA 48 – imagem de Ana Margarida da Rocha Pereira Vaz, A reinserção urbana da Fábrica do Gás do Porto, 2024

FIGURA 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57 – autoria própria

FIGURA 58 e 59 – autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)

FIGURA 60 – autoria própria, sobre base do Google Earth

FIGURA 61 e 62 – autoria própria

FIGURA 63, 64, 65, 66 e 67 – autoria própria, sobre base do Google Earth

FIGURA 68 e 69 – autoria própria

FIGURA 70 – autoria própria

FIGURA 71 – autoria própria, sobre base do Google Earth, com utilização da fotografia do alçado da sala dos fornos, de autoria de Fernando de Oliveira Miranda, posteriormente editada com recurso a inteligência artificial

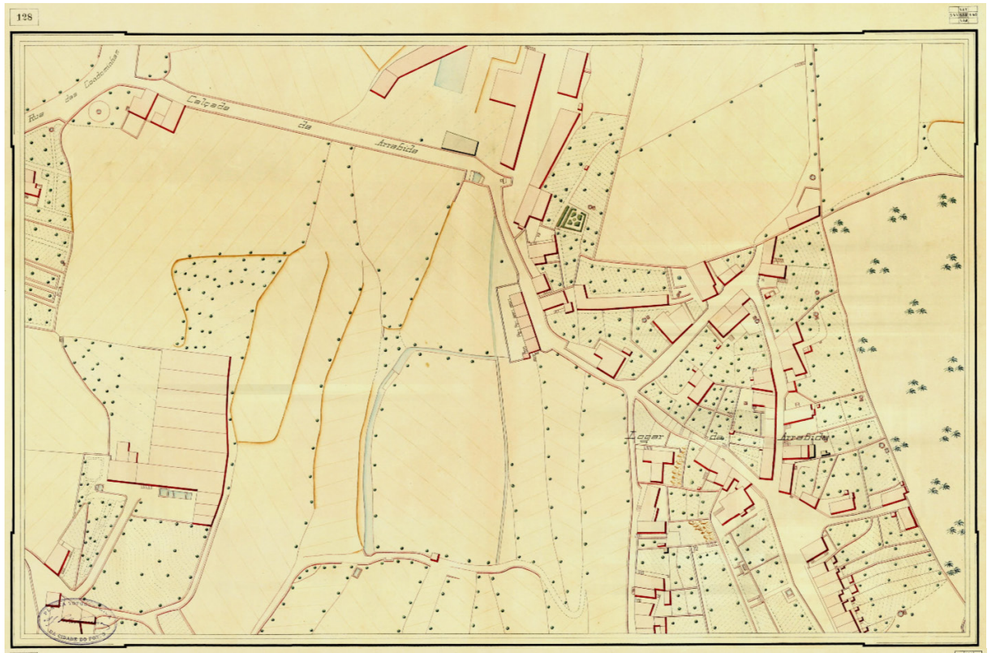
FIGURA 72 – de autoria própria, sobre base do Google Earth, com utilização da fotografia da sala dos fornos, de autoria de Fernando de Oliveira Miranda, posteriormente editada com recurso a inteligência artificial

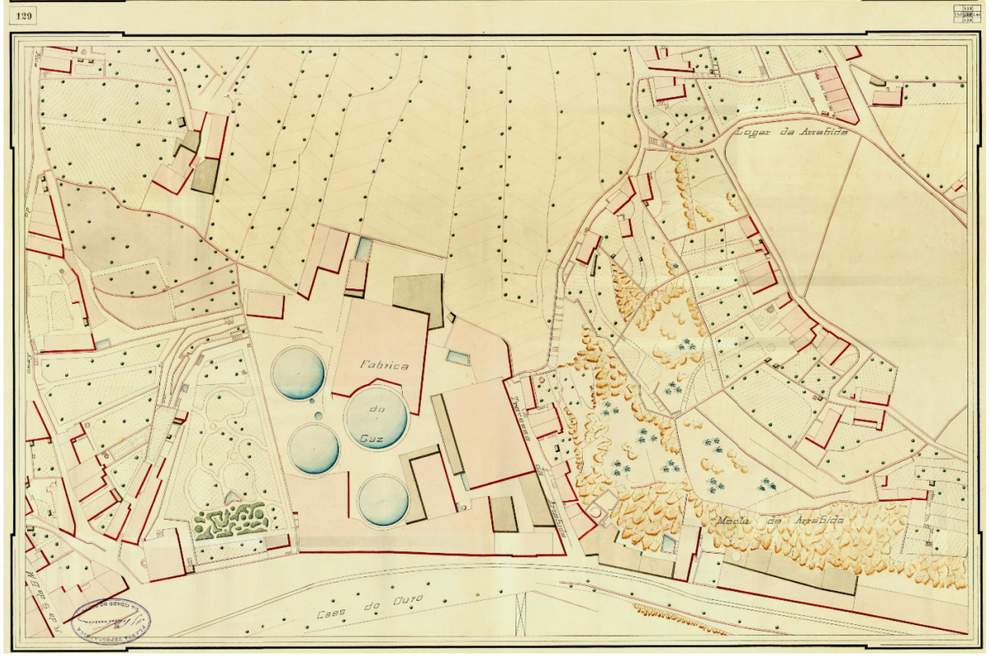
FIGURA 73 – fotografia de ZontiMedia, obtida através do Google Maps, posteriormente corrigida em perspetiva com recurso a inteligência artificial.

FIGURA 74 – fotomontagem de autoria própria sobre fotografia de ZontiMedia, obtida através do Google Maps e previamente corrigida em perspetiva com recurso a inteligência artificial.

FIGURA 75, 76, 77, 78 e 79 – autoria própria

ANEXOS

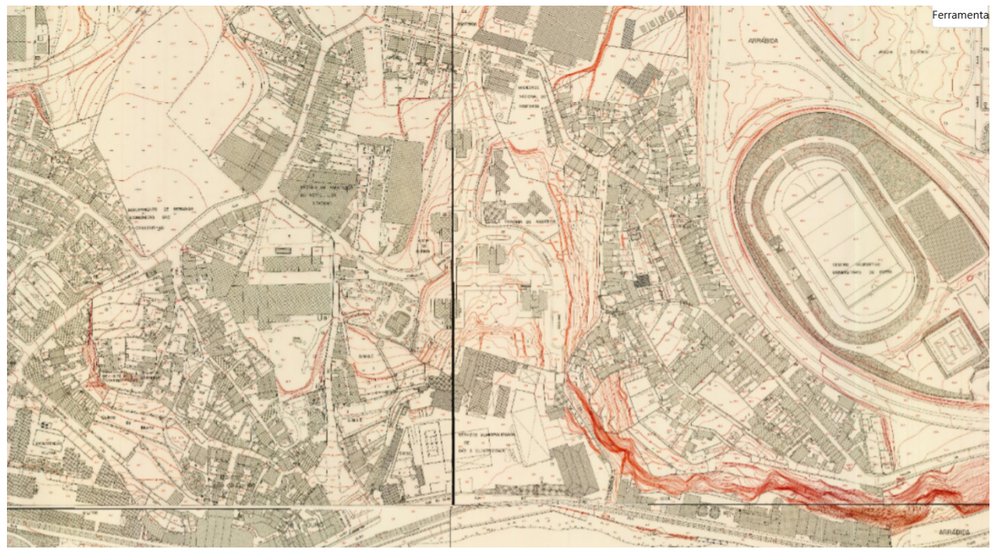




CARTOGRAFIA DE TELLES FERREIRA DE 1892. *Planta do Porto*. Portal Geo – Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas



CARTOGRAFIA DE BONFIM BARREIROS DE 1940. *Planta do Porto*. Portal Geo – Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas



CARTO-IMAGEM DO PORTO DE 1979. Portal Geo - Câmara Municipal do Porto. https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/pages/cartas-historicas



ORTOFOTOMAPA DE 2014. Google Earth



ORTOFOTOMAPA DE 2026. Google Earth



PROPOSTA MUNICIPAL. Câmara Municipal do Porto. *UOPG 5 Aleixo.*



FOTOGRAFIA DE FERNANDO MIRANDA. Centro Contemporêneo de Arquitetura - Reabilitação da Antiga Fábrica do Ouro, 2016



FOTOGRAFIA DE ZONTIMEDIA. Google Maps









REGISTO FOTOGRÁFICO COMPLEMENTAR. autoria do grupo de atelier integrado (autora, Rui Bessa e Maria do Carmo)